



IMS

Um Brasil para os brasileiros.

Contos e poesias

Carolino-Marino de Jesus

Prologo

1 Nesta primeira obra poética que apresento, desejo relatar aos illustres leitores como foi que percebi minhas aptidões para a poesia. Quando completei sete annos, a minha saudosa mãe enviou-me a escola. "O Colégio Stan Kardec. Na minha terra natal. A cidade de Sacramento. No Estado de Minas Gerais - fui a escola com a curiosidade tão própria da infância, para averiguar o que era escola e qual a sua utilidade na nossa vida. Quem insistiu com a minha mãe para enviar-me a escola, foi a utilitarissima D. Maria Leite. Ela, era branca. Eu pensava: É por causa de sua pelle tão branca que ela se chama D. Maria Leite? Mas, ela, era tão carinhosa, que deveria chamar D. Maria Santa

IMS

Ela residia na Estação de Chapadão e visitava a cidade de Sacramento, uma vez por ano para assistir a sessão Espírita em comemoração ao aniversário do falecimento do saudoso médico Espírita. Dr. Eupêdes Barsonuffo, o fundador do Colégio e Plan Kardec.

A Dona Maria Leite, dava roupas e os livros para as crianças pobres, as roupas e os livros eram novos para nos estimular e nos deixar vaidosos.

Se as crianças ricas iam com as roupas novas, as pobres também. E não havia complexos.

O que eu admirava era a D. Maria Leite auxiliar somente as pretas e dizia: Moço que fomos escravos, temos os nossos compromissos nossos. Com vocês. Quem sabe, se agora

que o Rui Barbosa nos aconselhou a educar. Os vós se ajustam no país. passata as mãos nas nossas cabeças, dizendo, que as nossas cabeças, parecem pimenta do reino. E nós dantamos risados. Que essa maravilhosa era a D. Maria Leite, tão branca, com aquela quantidade de negrinhas ao seu redor. Dizia que tinha tristeza de ser velha. Se eu fosse jovem queria construir escolas profissionais, para auxiliar este povo. Para nos incentivar ela dizia:

- Eu gosto das pretas! Sabem, eu queria ser preta.

pedia para nós ler. mas e ela ouvia. e dava dinheiro para as que sabiam ler. E as negrinhas saiam correndo e gritando:

Eu vou ao cinema! Vou ver o Buck Jones!

ouvira a leitura com interesse profundo. Ela, era francesa.

A minha mãe era tímida

Dizia que os negros deviam obedecer aos brancos.

Isto é, quando o branco tem razão justa. — Sic.

Por isso, ela deveria enviar-me a escola em obediência a D. Manoel Leite, ela não desprezava o preto.

Quando entrei na escola fiquei com medo dos quadros dos

2 esqueletos humanos que estavam expostos nas paredes.

O primeiro ano, era no período da uma as cinco.

Eu estava com sete anos e acompanhava a minha mãe por todos os lados. Eu tinha um medo de ficar sozinha.

Como se estivesse alguma coisa escondida neste mundo

para assustar-me.

Eu ainda manava. Quando senti vontade de namar, comecei a chorar.

Eu quero ir — embara!

Eu quero namar!

Eu quero ir — embara!

A minha saudosa professora

D. Anita Sabrina perguntou-me!

— Então a senhora ainda manava?

— Eu gosto de namar!

As alunas sorriam

— Então a senhora não tem vergonha de namar!

— Não tenho!

A senhoreta está ficando moçinha e tem que aprender a ler e escrever, e não vai ter tempo disponível para namar, porque necessito preparar as lições.

Eu gosto de ser obedecida!

Estais ouvindo-me D. Carolina

Maria de Jesus.

Fiquei furiosa, e respondi
com insolência.

O meu nome é Bitita! Não quero
que troque o meu nome!

O teu nome é Landina Maria de
Jesus - Era a primeira vez que
eu ouvia pronunciar o meu
nome. Que tristeza que senti.
Eu não quero este nome, vou
troca-lo por outro.

A professora deu-me umas
réguaças nas pernas parei de
chorar. Quando cheguei na minha
casa tive nojo de namorar na
minha mãe. Compreendi que eu
ainda nem sabia porque era
ignorante ingênua. E a escola
esclareceu-me um pouco.

Minha mãe sabia dizendo:
Graças a Deus! Eu lutei para
desmamar esta cadela e não
consegui. Minha mãe foi beneficiada
no meu primeiro dia de aula

Minha tia Chaudemira dizia:

É porque você é bôta e deixa
esta nequinhã te dominar.

Minha mãe sabia dizendo:

Graças a Deus! Sou livre!

Eu goi estoreta enxada de ouvir
as negras dizer: Sou livre!

Minha mãe fazia os seus projetos
de ir ao rio! Vou passear, dançar,
e viajar.

Eu ouvia tudo aquilo, sem
compreender. Tinha a impressão

3 de estar sonhando. Continuei na
escola. Mas, não interessava pelos
estudos. Minha professora
insistia para eu aprender a ler
e me dirigia um olhar lanhoso
Eu achava tão difícil aprender a
ler. Implorava a minha mãe
para não enviar-me a escola.

Eu não quero aprender a ler.

Ela ouvia, e espancava-me.

Eu ia, contra a minha vontade

IMS

eu era indolente. Quando eu faltava, a minha professora mandava um aluno procurar-me, em casa.

Quando eu chegava na escola a D. Santa dizia:

D. Carolina, a senhora é tão inteligente espere para aprender a ler. presta atenção nas aulas. Feliz aquêl que aprender algo por dia espere a tua colheita. A única letra que aprendi escrever facilmente, foi "o, O" e nas meus cadernos eu escrevia somente - o, o, o, o, o & dizia: A rodinha, é mais fácil.

Ela, percebendo que eu não interessava pelos estudos desenhava no quadro negro, um homem com um tridente nas mãos que trespassava uma criança e disse-me:

D. Carolina, este homem é o

inspetor, e a criança que não aprender ler até o fim do ano, elle espeta - á no garfo.

No fim do ano, elle vem aqui. E eu, vou apresentar. Le a elle aquêl desenho, impressiona-me profundamente. Eu olhava o desenho e olhava o meu livro que estava sujo, sem capa e enrolado. Chegando em casa pois bacias no fogo aquêl - o e passei as folhas do meu livro de Cartilha Nacional.

Senhores com o desenho e guitarra: Mamãe! Olha, o inspetor!

Manda o inspetor ir-se embora que eu juro que hei de aprender a ler. Deus vai me ajudar. Pensava! Quando o inspetor me espeta no garfo, as meninas não dar risadas.

Oh! Mamãe! Não deixa o inspetor me espeta no garfo. Eu tenho medo!

IMS

Adme menina! Você está delirando. Está ficando louca? Pã pã, decidi estudar. E estudava com assiduidade. Três meses depois, percebi que já sabia ler.

Que bom! Senti um grande contentamento interior e exterior. Li os nomes das coisas "Casa Brasileira, de Armande Gaulant. A farmácia com o p.h. Tui correndo para casa. Entrei rápida como os raios solares.

Mamãe assustou-se. Interrogou-me.

— O que é isto? Está ficando louca?

Oh! Mamãe! Eu já sei ler! Como é bom saber ler! Vasculhei as gavetas, procurando qualquer coisa para eu ler. Uma vizinha,

emprestou-me um romance. Era a Isaura. Compreendi tão bem o romance que chorei com dor da escravidão. E agradei a Deus, pã não ter nascido escravo. Compreendi que naquela época os escravos, e as escravizadas eram ignorantes. Tipos de homens que riam apenas o presente, e não riam o futuro pãque, quem é culto, não escraviza. e quem é culto, não aceita ser escravizado.

Era, uma época de tête a tête pãque as cultas analisam as consequências dos seus atos. As brancas retirando as pretas da África, não percebiam que iam criar, o racismo no mundo. E assim foi duplicando o meu interesse pelas literas. Não mais deixei de ler. Passei a ser uma das principais

IMS

da classe. Eu e minha professora discutiam as lições e a sua mensagem. Os mudanças atmosféricas, e fui ficando vaidosa, e com do' dos pretos que não sabiam ler.

Compreendendo que as que sabem ler, têm mais possibilidades para virer melhor.

A aula era mista e a minha professora dizia:

No fim da aula de hoje, eu quero falar com as meus alunos brancos. Não saíam, e os brancos ficavam, ela falava.

Estou notando que os meus alunos pretos, são mais estudiosos do que os meus alunos brancos. Os pretos não erram quando escrevem.

São coprichosos, com os livros e tiram em nas notas todos os dias. Os pretos não passar

êles são mais inteligentes. Os alunos brancos saiam dizendo os pretos não há de saber mais do que eu. Eu não estudar só para provar que poderei passar de ano também. Dias depois ela nos pedia. Hoje, eu quero falar com os meus alunos pretos.

Ela nos dizia:

5 - Estou percebendo que os meus alunos brancos não passar de ano, são mais coprichosos. Esfargados, acertam os problemas, não seguem os livros, tiram notas todos os dias.

Quando nós saíamos da escola estávamos furiosas. Cada aluno preto, ia pensando:

- O branco não há de saber mais do que eu! Se êles são capacitados, nós também, poderemos ser.

IMS

Estagindo assim, ela não tinha problemas com as lições de casa, a professora nos emprestava bons livros para lermos, a Bíblia e Vida de Santa Teresinha e os livros escolares, iam transferindo-se de irmãs para irmãs. A vida na cidade era difícil, para os pobres, que trabalhavam a preço fixo e tinhamos que comprar de tudo. Só os comerciantes é quem podiam viver bem dentro da cidade.

Os pobres viviam melhor na roça. O meu padrinho resolveu procurar um fazendeiro que lhe aceitasse como colono.

Temos residir na fazenda

do Lageado. Das imediações de Uberaba. Foi com pesar que eu deixei a escola. Chorei, porque ainda faltavam dois anos para eu receber o meu diploma tive que resignar-me, porque as decisões paternas, valem. A minha mãe encaixotava os nossos utensílios, eu encaixotava os meus livros. A única coisa que eu realmente, venerava. Quem nos conduziu até a fazenda do Lageado, foi o motorista José Fernandes. Foi a primeira vez que, viajei de caminhão.

Admirando como é que o caminhão Rodia ir tão depressa.

Quando chegando fiquei descontente com o local. Sendo apenas, áreas e pensando;

IMS

será que podemos viver no
mato!

Ah! Eu não quero ficar aqui
com medo de passar fome.

Minha mãe dizia, Quem
vive no mato, tem mais
partura do que quem vive
na cidade. Você vai ver,
Quero voltar para a cidade.
isto aqui, é muito triste!
Não tem diversões.

Minha mãe dizia que as
diversões do campo são
mais eficientes, com mais
respeitos. Encaricava-me e
disse-me:

Eu nasci no mato e me
criei na roça. Foi o único
período de minha vida que
fui feliz. Eu ainda tenho
saudades, do tempo que
fui menina os dias eram
sempre iguais.

Aqui é bonito! Veja! Quando
não se pode viver na cidade
deveremos ir viver na roça.
Na roça pode construir um
ranchinho, furar um poço
criar galinhas, porcos e até
vacas.

Percebi as ovelhas. Apenas
árvores, e um céu azul com
o disco solar tépido.

6 É a minha mãe proseguiu
É na cidade que aprendemos
a gostar dos vícios prejudiciais
da cidade, eu não tinha tempo
de estar ao seu lado.
ia trabalhar fora e você
ficava vagando pelas ruas.
aqui vamos ser amigos.
Dias depois, eu comecei
apreciar a vida silenciosa
do campo.

Minha mãe deixava o leite
assim que o astro rei

surgiu, ia preparar a
 nossa refeição para ir-mos
 para a lanchonete. Eu ia
 tentando pegar a minha
 esportiva. Que beleza. as aves
 chilreando uando de um
 lado para outro com suas
 cores variadas. Das domingos
 eu permanecia no leito
 ouvindo aquela sinfonia
 com a impressão que era
 para mim que elas gargalia-
 vam. Com a insistência de
 minha mãe eu deixava o
 leito, ia buscar leite, que
 a D. Maria do senhor Jerônimo
 nos dava cinco litros.
 Eu gostava de abluir-me
 no regato fitando a água
 que manava do seio das
 pedras com de chumbo e
 era sempre tépida.
 A brisa perpassava

suavemente e eu aspirava
 as perfumes que exalavam
 das flores.
 O fazendeiro nos deu dois
 alqueires de terras para
 plantar - mas. E nós plantamos
 arroz, feijão, milho, cana
 de açúcar, ainda ficou terra
 para plantar nos ganhava-
 mos sementes de abóbora
 quiliato, e fôrta.
 Era roça só se folgavam
 plantar, plantar e plantar.
 Quando os homens reuniam
 só se folgavam das plantações.
 Eu já estava compreendendo
 do valor da terra que não
 sabe diminuir, apenas,
 multiplicar as sementes
 que lhe confiamos.
 O ventre da terra é fecundo.
 Eu estava habituando-me
 naquele mundo verde.

Na época da colheita
 fiquei admirado da
 prodigalidade da terra
 que é a verdadeira mãe
 da humanidade. Uma boa
 amiga. Que todas as anos
 e todos os meses, nos
 oferece algo para colher.
 plantamos dois sacos de
 milho. Colhemos três carros
 cento e cinquenta sacos
 Oh! terra bendita!

Se a terra não agisse
 assim, não inventaria o
 homem ao trabalho.

Fui adquirindo o hábito
 de plantar e filando,
 semi-ambiciosa.

Era a primeira a deitar
 o leite - das horas vagas
 eu lia. Quas coisas que
 eu gostava. Da terra que
 multiplicava, e das livros

que me esclarecia, e fui
 formando a minha persona-
 lidade e o meu caráter
 porque, lendo e observando,
 adquiri-se conhecimentos
 sólidos, passamos a criar
 porcos, galinhas e pretendo
 7 mas comprar uma vaca.
 Que vida gostosa. Que
 fartura! Queijo, leite, ovos,
 requieção cozinhada, frutas
 e verduras para mim
 aquela; era a terra prateada
 que eu tive a ventura de
 encontrar. La Agona eu sabia,
 os que plantam tem fartura.
 Quer dizer que, se os homens
 plantar sempre as cereais, não
 haverá miséria no mundo.
 O mundo para ser bom, depende
 exclusivamente dos
 esforços conjunto dos homens.
 Eles é quem poderão transformar o

num inferno, ou, num paraíso.
 Aos domingos iam os passear na
 casa do primeiro colono. O mais
 rico. O Senhor Fláscio.
 Ele, tinha vinte vacas, ai tanta
 pareas. As pareas vagavam pelas
 pomares, se alimentando apenas
 com as frutas, gabiás, laranjas
 mangos e peras, e mais terra
 para plantar. Eu pensava:
 se eu fora homem, juro, que
 haveria de ultrapassar este
 homem nos seus hortes.
 E tenho certeza que teria
 muito mais vantagem do que
 ele. Porque, eu sei ler.
 Ele, era afilhado de casamento
 do fazendeiro. Era um homem
 com setenta anos, e pediu
 abenço ao fazendeiro unicamente
 para leguá-lo.
 Cãitudo! Tinha que aqui assim
 porque, precisaria das terras

para plantar.
 O Senhor Olimpio Rodrigues de Araujo
 não respondia.
 Eu estava enmanadoíssimo da
 nova vida. Estava desligando-me
 da vida de comprar kilos de
 arroz, e familiarizando-me com
 as sacas de sessenta kilos,
 todas tinham possibilidades de
 fazer doces com leite puro.
 Eu comia, e a minha mãe
 perguntava:
 - Quer mais?
 Aquêl quer mais picada,
 eclodindo dentro do meu cérebro.
 A pastura era imensa e eu
 podia comer mais.
 Plantanas vinte e dois pés de
 gilo. E todas as sábados, a minha
 mãe colhia vinte litros.
 Eu, e o meu padasto, ia nos
 vendê-las em Uberaba,
 ganhávamos trinta mil réis

Eu ficava saindo a - tão.
 Que medo que eu tinha de
 andar pelas ruas. Medo dos
 policiais. Em Uberaba estava o
 quarto Batalhão policial.

Dava dia o dinheiro. Dez mil réis
 eu comprava um vestido, e
 vinte era para a minha mãe.
 Mas comprava, o que eu queria, sol,
 agulha, sabão e fumo. Tarsanas,
 minha mãe fazia em casa.

8 Naquela época as mulheres eram
 obrigadas a saber o corte e costura
 fazer pão, e as mães fiar e
 tejer o algodão.

Todas as semanas chegava
 uma família de colonos
 A maioria eram estrangeiros
 que tinham residido no
 Brasil, e diziam:

Que país! Que terra tão
 para se viver.

Viva o Brasil das Brasileiras

E as italianas dizia para os filhos
 Daqui há três anos, estarão
 ricos. E vocês devem estudar
 para ser doutores.

E as crianças trabalhavam cantando
 as músicas de verde. Lá Dona
 Immobile. Cantavam de alegrias
 porque iam ficar, ricos.

Até as pretas analfabetas acompa-
 nhavam as canções italianas.

As poucas famílias de cá que
 residiam na fazenda do senhor
 Olímpio Rodrigues de Araujo.
 Era, o senhor José Romualdo
 meu padrosto, e o Antônio Cavaco
 que ficou viúvo, e o meu
 padrosto queria que eu me
~~casasse~~ com ele.

Eu ainda não estava muito
 esclarecida, para compreender
 tudo aquilo. O que era casamento.
 Quando fomos visitar a casa
 do fazendeiro fiquei decepcionada

Não era como imagineli;
 Não tinham móveis bonitos.
 Apenas uns caixotes, e uns
 bancas rústicas e uns catres
 tipo mobília portuguesa.
 Os coletores recheiados com
 palhas. Era uma casa apropri-
 ada, para alogar os tristes
 os frustrados, os infelizes, e
 ou os avaros.

Pensava: eles, são os donos
 desta grande área de terras
 eles têm possibilidades
 para ser felizes.

Eu pensava que, com o dinheiro
 se comprava a felicidade.

Mas quando vi a filha do
 fazendeiro, condão-me
 Catadinha! Era líbia e munda
 jogava a comida no chão
 misturava com as fezes, e
 comia. Não gostava de usar
 roupas. Mas era bonita

Não sabia andar. O outro filho
 o Zezé, era semi-idiotas.
 Não aprendeu a ler. Fucou
 interno vários anos nas colégias
 do Rio de Janeiro. O sonho do
 fazendeiro, era ter um filho
 com um Dr. antes do nome.
 O Dr. que é o comprovante de
 intelectualidade.

Era a parte do casamento,
 consaguinos. Casamento de
 primos, que não unem os corações
 mas as heranças. Eu era inerte,
 para mim o dinheiro teria que ser
 o todo poderoso na vida dos
 homens. Solucionar todos os
 dilemas que eu havia
 que eu presenciava.

Aquêles filhos idiotas, eram os
 yurds daquela união mântaria
 cheguei a conclusão que poderemos
 ser infelizes sendo inteligentes
 e poderemos ser felizes sendo ignorantes

Que inveja que elles sentiam das filhas das colanas que corriam de um lado para outro é a solução adottada pâr Deus para as desigualdades de vida de cada um.

A fazendeira Dona Maria Candida era magriçella como se fôrse descendente de ôfidio. Era simples demais. Calçava chinelas, usava as saias compridas até aos pés, e pagueadas, e as paletas cheias de batatas que era para arrolmar o corpo.

Quando não há possibilidades de encher o corpo com a própria carne, enche-o com algodão.

Ela conversou com a minha mãe perguntando, o que ela sabia fazer. Minha mãe respondia com polidês.

Minha mãe era descendente do Ventre Lure, e dizia que o Branco, é o verdadeiro dono do mundo. Eu doua risadas.

Minha mãe aprendeu dizer aos Brancos, sin senhora e sin senhor. Quando chegou a minha vez a fazendeira examinou-me como se eu fôrse um objeto exposto a venda. Dizendo que eu deveria ser uma neqrinha esperta porque, era magrinha, canela fina etc. ficou com inveja da minha mãe que tinha uma filha perfeita. A inveja duplicou quando lhe disseram que eu sabia ler.

Perguntou o meu nome. Minha mãe respondeu com a voz tremula porque a presença de um Branco, lhe atemorizava. Ela chama; Carolina Maria de Jesus

Oh! Então ela é Xara da minha filha Zúia.

Oh! Então eu era importante, porque a filha do fazendeiro, também chamava Carolina.

Na fazenda eu era a única menina preta. Mas o meu nome era igual ao da filha da fazendeira.

Mas pedi a minha mãe para dizer que o meu nome era Bitito.

Minha mãe saiu dizendo que o meu nome é igual ao de minha avó materna.

Eu não gostava do meu nome pensando que este nome ia atrapalhar a minha vida.

Minha mãe já havia dito que não poderia trocá-lo por outro, que é proibido por lei. D. Maria Cândida, pediu a minha mãe que eu deveria

ir todos as manhãs auxiliá-la na limpeza da casa.

Minha mãe consentiu.

Que bom! Quanto será que ela vai me pagar?

Mas a D. Maria Cândida, disse-me sabe Carolina! Você vem trabalhar para mim, e, quando eu for em Uberaba eu troço um vestido novo para você. Vou comprar um remédio para você ficar branca, arranjar outro remédio para o seu cabelo ficar encido. Depois, vou arranjar um doutor, para apilar o seu nariz.

Pensei! Então estes homens que trabalham aqui, já fazem pretos. E... eles não gostam dos pretos, e fazem os negros ficarem brancos. E a fazendeira vai na cidade, só para comprar o remédio para mim.

É quando eu ficar branca, com as costelas curvadas e o meu nariz afilado quero ir em Sacramento para os meus parentes me ver. - Será que eu vou ficar bonita! - Seis meses fui trabalhadora para a D. Maria Candida.

10 Despertou-me as cinco horas, lavou o meu rosto as pressas porque pretendia chegar sempre na hora certa para não magoar a fazendeira, que era a mulher mais importante para mim. Regulei interiormente, quando a D. Maria Candida, disse-me que ia em Utheroto. Fiquei aguardando o seu retorno, com profundo, anxiado de.

Ela, permaneceu dois dias fora. Quando regressou, me encontrou de plantão a sua espera.

Mas, fiquei decepcionada. Ela não trazia pacotes.

- Então ela me enganou! - Pensei nos seis meses que trabalhei para ela sem receber um tostão - chorei. Minha mãe disse que o protesto ainda não está ao dispor das negras.

Olhei as minhas mãos negras e acariciei o meu nariz chato. e o meu estômago picado, e decidi ficar como nasci,

Nada pedi a D. Maria Candida. Ela, é quem usou um ardil para expoliar-me.

Eu não podia vingá-la a fazendeira porque ela nos dá a terra para plantar. Mas, esqueci-me tantas pragas. Compreendi que ela já está pagando com os seus filhos idiotas.

No outro dia eu não fui lavar as louças, e ela, não me chamou

IMS

Minha mãe sabia e dizia:
 - Se me fôrse possível te explicar
 tantas coisas, mas o tempo te
 ensinará, as que aprendem por
 si próprio aprendem melhor.
 Trabalhamos quatro anos na
 fazenda. Depois o fazendeiro nos
 mandou ir embora de suas
 terras dizendo que não só lhe
 dariam prejuízos que o meu
 padasto lhe devia duzentos
 mil réis.

Eu não sei a origem desta di-
 vida. O fazendeiro não dá
 dinheiro para o colono?
 Se o meu padasto nunca lhe
 pediu dinheiro. Ele era o
 único que sabia ler. Os outros
 homens era analfabetas, não
 sabiam somar os números.
 Chorei. Que dó que eu senti
 de deixar o paiol cheio de
 milho. Os galinhas, vender

as páreas, os meus pés de gilo'
 O forno de assar o pão.
 Pensei quando eu puder,
 hei de comprar terras para
 mim. Não deitamos anar,
 aquilo que não nos pertence.
 Eu tinha a impressão que o
 fazendeiro, era um machado
 cortando a nossa vida em
 pedaços, e os pedaços não se ligam.
 Voltamos para sacramento. Achei
 horrível ter que voltar a
 comprar os títulos. Chorei,
 pensando, quando será que
 iamás ter terras para plantar.
 Um país que tem tantas terras,
 mas para as que gastam de
 plantar não há. Para os pobres
 tudo há de ser abstrato!
 Era horrível a convivência
 com muitas pessoas que não se
 respeitavam. E havia brigas todos
 os dias e com a interferência

dos policiais que espancavam os rixentos, os rézes eu tinha saudades da vida ridente do campo. Recordava quando a mamãe tornava a farinha e fazia o pão. Os meus mãos calçados, mas os meus dias eram sempre tranquilos e o amanhã não me preocupava. Era calma porque vivia na fartura. Desconhecia o que era sofrimento. Minha mãe cuidava de minha vida. Eu acreditava nas letras como se elles fôsem o meu confidente. Aquella agitação diária me abarcava. Na nossa casa, era um entra e sai, meus primos e outras intrusos. Os saltados, era um carne - carne dentro de casa, como se o saltado, fôsse um dia ~~ex~~ceptional. O feno de

passar raios andando de mão em mão. Todas preparando-se para ir ao braille. A única distração ao alcance dos pobres. Eu fui ao braille, e não apreciei aquella distração banal passar a noite girando, pra cá e pra lá para mim o braille era até anti ~~de~~ quibrico, une-se em uns e outras e nem todos tomam brailhas para estas distrações tão fútil, o que se conseguia gratuitamente, era a maledicência - Eu vi, a fulana, com o fulano, para não pensar na vida eu lia. Sempre aparecia alguém, que me emprestava um livro para eu ler eu ia compreendendo que não é difícil ler letras. Minha mãe saía de manhã e recomendava-me! Você põe fogo no feijão. Eu começava ler e só recordava do feijão

quando sentia o cheiro de
queimado penetrando nas
minhas narinas.

Quando a manhã chegava
era um tempo quente:

Repreendia-me - Você,
Preciso ler menos, e
prestar mais atenção nos
deberes.

O meu desejo era ler, diári-
amente sem interrupção.

O meu padrinho estava
procurando um fazendeiro
que lhe aceitasse como colono.
Um dia apareceu um preto
procurando colonos para
trabalhar na fazenda,
Santa Cruz, na estação de
Restinga, Estado de São Paulo
próximo de Franca.

Eu estava alegre porque
auria dizer que no Estado
de São Paulo há trabalhos

em abundância. Que é um
dos melhores Estados do Brasil.
Que tem serviço até para os
difuntos. E foi assim que
deixei o Estado de Minas
Gerais. A vida era assim
as rézes saúda, as rézes
chorava. Um dia perguntei
para a minha mãe se a
nossa vida é sempre assim?

12 Ela estava costurando e
continuou costurando.
Não respondeu-me.

Eu gostava de cantar e a
minha voz era estentaria
Pretendia aprender a tocar
violão mas não conseguia
dinheiros para pagar as
aulas, e o violão era uma
obsessão

Mas, onde conseguia até
mil réis para ~~pagar~~
comprar um violão...

IMS

Se me fôsse passível,
 comprar o violão, e auxilia-
 do pela minha vocação,
 creio que seria ótimo
 violonista. E há inúmeras
 pessoas que crescem
 incientes pã causa das
 dificuldades que encontram,
 Eu já estaria compreendendo
 do que os santos das potes
 são semelhantes as figueiras.
 Tui aprendendo a resignar-
 me. Pensava que os
 potes não deveriam nascer
 porque ainda estortam
 inhospitas no mundo.
 Eu observando as arles
 dêsecom os seus miúdos
 chibreando, vaando de
 um lado para outro.
 Já o despertar do homem
 é cheio de preocupações
 guerras, fome, misérias

Quando será que o homem
 vai viver despreocupado?
 E há tantas coisas para,
 auxiliá-lo. É que o homem não
 percebe, temas a terra, a
 churo, enfim o mundo é uma
 coisa que Deus confeccionou e
 deu de presente aos homens.
 Este Deus maravilhoso, que
 não se dá a conhecer, não se dá a conhecer
 não tem espaço para agasalhar
 o odio, não é egoísta.
 E agora nós vamos voltar
 para o amanho da terra.
 Nós vamos necessitar da
 churo. O camponês é que
 gasta da churo.
 Em Franca fomos trabalhar
 na fazenda Santa Cruz.
 O proprietário era o senhor
 Dolores de Oliveira Dias.
 — O Lolo.
 Trabalhamos um ano na

colheita de café. O que,
ganhamos não dava
para comprar comida.

Ele nos dava um reale de
cento e cinquenta mil réis
por mês. Deus mi tire
o meu padrosto pediu terra
para plantar, o fazendeiro
disse: 'Aqui, só se planta
o café' - Tamos fugindo
de um a um. Deixamos os
nossos cacarecos, O Príncipe
que fugiu, foi o meu padrosto
depois a Dolares, eu e a
minha mãe. Tamos para a
cidade sem ter onde mandar
não recebemos nada.

13 E perdemos o pouco que
tinhamos due luto para
procurar emprego na cidade.
Tamos dormir no chichski
Um velho ~~patlho~~ patlho
Minha mãe chorava.

prometendo que ia voltar
para Sacramento e não ia
voltar para as fazendas.
duas tentativas frustradas.
Fiquei com as minhas colegas
não sabia trabalhar nas
casas de luxo.

Embora-me, que fui trabalhar
como cozinheira, aconteceu
quando a patrão disse:
para eu matar uma
galinha - Matei, depenhi.
com o caracão das pulas.
Lancei a galinha e cortei os
pedaços. A galinha foi
para a mesa. Assustei com
a voz da patrão.

Cadela! Megua Ordinária
pega a sua roupa e vai
embora, pára. Vai
cozinhar no inferno, você
não abriu a mala.

Eu não sabia o que era

IMS

maela. Trabalhei para
diversas famílias uns pagava
outras não. Mas a melhor
patroa foi a D. Clélia, das
três irmãs.

Minhas amigas que residia
em São Paulo falavam da
Capital com vaidade,
e me convidava para eu
vir para a capital, mas
eu tinha medo sero' que
não sofria! pediam que
eu deixava vir para
conhecer a cidade, ou para
ficar. Que São Paulo é
semelhante a uma bolsa
de borracha, que o que se
introduz encontra espaço.
A insistência não me
sediava porque eu já estava
começando sentir pontão dos
arritérios. Eu tinha a
impressão que era semelhante

a São Paulo, na grêlha
- Interroquei a uma amiguinha
Parque quer você quer eu
vair a São Paulo?

- Parque, você é muito
fagueira, e gosta de trabalhar.
Você aqui vai dar-se
bem. Aqui, ninguém sofre.
Quando relia a carta lia
apenas este trecho:
Aqui, ninguém sofre!
Comecei pensar na cidade
de São Paulo ininterruptamente.
Que bom, ir ver as colegas
das anedotas yóssas.
Minhas amiguinhas deixaram
o interior e não mais voltaram.
A cidade de São Paulo, era
a subúrbio do paraíso
Algum dia iri!

É este dia chegou! Dia 31
de janeiro, de 1934, eu
deixava a Franca com

destino a São paulo, estava preocupada pensando: como será que vai ser a minha vida aqui. Será que São paulo é apropriado para os pobres? Ou, é um relento destino do somente para os ricos, porque todas têm a impressão que os ricos são ditosos. Que quando nascem, já são riacinadas com a felicidade. Viaji com uns patrões dentistas e ajustei dissinos para conrreusar. Não havia o fluras míticas. Ela, era Professora. D. Bonelia. Ele, era dentista o senhor Luiz. Depois relanheer, que fui péssimo empregada. Mas o meu agradecimento a D. Bonelia, que me deu a oportunidade de vir

14 conheer a capital do Estado de São paulo.

Quando chegamos o dia estava despontando, e estava chovendo. Fiquei atônita com a afluência das pessoas na Estação do Luz. Nunca havia visto tantas pessoas reunidas. - pensei: será que hoje é dia de festa, fiquei preocupada, com o carece. carece dos paulistanos olhares ansiosos inquietos a espera das conduções. Uns, empurrando os outros e ninguém reclamava aquilo seria normal? Um espetáculo fabuloso, e o amanhecer em São paulo. Nos dá a impressão, que o povo não tem educação. Quando um empurra, o outro não pede desculpas. É semelhante a uma colmeia humana. Uns carem para cima, outros carem para baixo. em todas

direções que se olha, alguém está correndo. tinha a impressão de estar transferindo-me de um planeta para outro.

Não senti a sensação alheia de contemplar tudo com indiferença. Sentia profundo porquê da cidade industrial - Porque? Não sei. Olhava-aquêles porcos bem vestidos sei que todos eles são ricos?

Olhava as brancas estorvam bem vestidos, Olhava as pretas estorvam bem vestidos.

As que falavam, tinham dentes na boca. e sorriam

É... se o porco está sorrindo então a cidade é boa.

Aquela tristeza que senti.

fai desaparecendo. aas raças

Só no entender eu era

tranquilo. Mas percebi que o

meu pensamento ia modificando-se. Era uma transição

que não me era passível, dominá-la. Que desorden mental tremenda. Sentia idéias que eu desconhecia como se fôrse alguém ditando algo na minha mente.

Um dia apoderou-se de mim um desejo de escrever.
- Escrevi -

Ó deus dias de ventura,
Ó deus mundo de ilusão
Vou reclui-me na sepultura
Debaixo do frio chão

Vou satisfeito. Pisonha.
Contente por não mais voltar
A minha vida é tristinha
- Marendo,inei descansar.
Trabalho, não tenho conforto
Sero a vida à lutar
Somenté depois de morta
Nada mais, tudo eu que pensar.

Desde esse dia eu comecei a fazer versos. É que as pessoas que residem em São Paulo, pensam com mais intensidade por isso é que o meu cérebro, desentrou-se.

Eu ignorava as minhas qualidades poéticas. Quando percebi, ^{meio!} que fiquei apaixonada. Para mim foi surpresa. Nunca pensei que um dia, me tornasse poética.

O primeiro verso que eu fiz foi dedicado a uma freira. Quando eu trabalhava, na Santa Casa de Franca.

15 Era seis irmãs, que tratavam as doentes admiravelmente. Elas faziam o retiro de duas a duas. Quando viajou para São Paulo, a freira por quem eu tinha profunda admiração

eu não podia deixar as meus afogues para ir despedir-me dela, peguei um lápis e um papel para lhe escrever qualquer coisa amorosa!

Das minhas orações peço:
 O Jesus, com muita fé
 para ter breve regresso;
 O irmão - Maria José

Escrevi apressadamente, porque estava fritando os bifés para as doentes do Paricão.

A mensageira voltou trazendo - Bomito verso, Carolina e irmão Gasão, e agradece a sua amabilidade.

Verso: Repeti, mentalmente
 Verso: O que será isto?
 Sairi, e meu objetivo, era agradecer a irmã

As queridas leitoras, não
 observam que os meus versos
 são femininos, e masculinos.
 Mas quem escreve este livro
 é Carolina Maria de Jesus.
 Por eu ser preta, aliamaram
 - me, de 'Poetisa negra.
 O meu desejo era estudar
 direito, porque, sempre,
 admirei o homem que conhece
 a lei.

No ano de 1940, manifestou
 se em mim as ideias literárias
 fiquei apreensiva. Com
 aquela fusão mental.

Os vícios eu soia vagando
 sem destino para distrair-me
 um pouco e desorganizar
 a mente. Quando eu escrevia
 tinha a impressão que o meu
 cérebro normalizava-se
 Que alívio! Quem me dá ser
 sempre assim. O meu desejo

era escrever, mas, não lia os
 meus escritos. Um jornal, O Suiç
 Capuano vendo-me escrever
 diariamente ficou curioso
 pensando que eu era louca.
 porque existem vários tipos
 de loucuras. Para certificar-se
 quis ver o que eu escrevia.
 Entreguei-lhe, assim que ele
 solicitou-se. porque não gosto de
 causar a paciência de ninguém.
 Ele leu e disse-me:

- porque é que você não
 apresenta isto para um jornalista
 e ele te orientará.

O Suiç Capuano, concedeu' dizer
 que eu tinha uma casa para
 escrever. Várias pessoas
 começaram a insistir para eu
 ir apresentar os meus escritos
 aos intelectuais.

Dia 5 de fevereiro, de 1947, eu
 fui na redação das Folhas

MS

na rua do Carmo.

Falei com o distinto jornalista
Dr. Vili Aureli.

- 16 Mostrei-lhe as meus escritos
e perguntei-lhe o que era
aquilo que eu escrevia...
Ele olhou-me minuciosamente
sacriu e respondeu-me:
- Carolina, você, é poetisa!
Sentei um susto, mas não
demonstrei. O meu coração
acelerou-se, como se fosse,
um cavalo de corrida - pensei
Ele, disse que eu sou poetisa!
Que doença será esta'...
Será que isto tem cura?
Será que vou gastar muito
dinheiro para curar esta
enfermidade? - Pensei!
Circulo um boato que as poetisas
são inteligentissimas por isso
eu fiquei com vergonha de
perguntar ao Dr. Vili Aureli

O que é ser poetisa. Sai da
redação impressionada com as
maneiras carretas do Dr. Vili Aureli
Pensei: acho que elle disse isto;
para me agradar. Eu não sou
santa, elle, quer me pôr num
altar

Ele leu as meus versos e deu
preferência ao Colano e o fazendeiro
Quirigi a proca da se' e tomei o
omibus Bresser, do meu lado ia
um senhor lendo a Tólha da Monhô
- perguntei-lhe:

- O que quer dizer poetisa?
- É mulher que tem o pensamento
poético.
- porque pergunta,
- a senhora é poetisa?
- O jornalista disse-me que sim.
- Então os meus parabéns.
- E a senhora pretende escrever
alguns livros?
- Fiquei hãodrigada interiormente

IMS

e o meu coração acelerou - se.
Então a poetas - tem que escrever
livros? Eu não tenho condição
para ser escritora.

Não estudei!

Silêncio em reação de dizer.

Tranquilidades.

O homem olhou-me nos olhos
e eu transpirei por saber que
eu era poetas e não tinha
cultura e era semi alfabeti-
zada.

É se me convidassem para uma
reunião; eu não sabia falar.

Aprendi escrever a tabalhão
damente. Eu já estava, alavancando
sendo-me de ter vindo para
São Paulo. Lá no interior eu
era mais feliz. Tinha paz
mental. gozava a vida e não
tinha nenhuma enfermidade
é aqui em São Paulo, eu, sou
poetas! Eu hei de saber o que

é ser poetas! E quais são as
vantagens, ou desvantagens ~~para~~
que existem para um poeta.
pensaria profundamente na
minha vida que estava começan-
do a preocupar-me.

Procurei numa livraria um livro
de poetas porque o senhor que
estava no ônibus disse que o
poeta escreve livros - Pedi!
Eu quero um livro de Poetas
O livreiro, deu-me!

Primaveras, de Losimiro de Azevedo.
É assim fiquei sabendo o que
era ser poetas. Cheguei em
casa com o espírito mais tranquilo
fiquei sabendo que as
palavras cadenciadas, eram
as rimas. Pensei: eu, não
dêto dizer para as
vizinhas, que sou
poetas. Elas não sabem
o que é isto, e não vão

crer. E eu, não quero ser ridicularizada.

No fundo do meu coração eu agradeço ao saudoso e ilustre senhor Vili Aureli por dizer-me, que sou poeta, porque, com dois anos de grupo escolar, eu não ia perder.

Eu pensava que as coisas que tratavam na minha cabeça, eram prurimulentes dos meus dentes. Procurei um dentista, solicitando um exame. Ele não quis extrair-los.

17

Eu não olvidava o Sr. Vili Aureli. Era a primeira vez que eu falava, com um homem agustadíssimo, e super

educado.

Dia 24 de fevereiro de 1941. Saiu o meu retrato na Folha da manhã.

Na foto estava eu e o Sr. Vili Aureli.

Eu estava sorrindo, e ele me olhando. O que achei interessante, é que as pessoas que dirigiam-se a mim com intimidades passaram a tratar-me de Dona Carolina Maria de Jesus. - pensei; será que eu sou tão importante assim.

Muitas vizinhas foram comprar a Folha da Manhã. Eram e com certeza, que honra de dizer! e quem honrará de dizer. Quando eu passava nas ruas, eles me

IMS

Outras apontava
 - É aquela! Que saiu na
 Trilha da Manhã.

Enquanto as outras me
 admiravam, só uma
 coisa me entristecia e
 me preocupava.

Eu lutava para ficar
 livre do pensamento
 poético que me impedia
 o sono. Percebi que
 andando de um lado
 para outro, o pensamento
 poético, dissipava um
 pouco. Quando sentia, põe
 as idéias, eram mais
 intensas, comendo algo,
 eu notava que diminuíam.
 E passei a ter medo da
 fome. passei a trabalhar
 depressa andar com
 rapidez, não parava
 um segundo para me

causar, deitar, e adormecer
 logo. Não posso
 deitar por longo tempo,
 é que se eu ficar sem
 mover-me, os versos
 começam a surgir.
 Tento que estar em ativi-
 dade, ininterruptamente
 e quando desperto,
 deixo o leito.

Três que já familiarizei
 com esta miniatura de
 laboratório. Quando percebo
 que estou esgotada,
 sento, com o lapis na mão
 e escrevo.

Não fiquei vaidosa com
 este presente que recebi
 da natureza. Invejo as
 pessoas que podem,
 dominar a sua mente.
 Porque as pessoas de
 visões notam que a vida

é composta de cilicias
e amareumes. Mas os partes
têm que saber enfrentar
as contingências da existência.
Não se observam
as vantagens e as desvan-
tagens que a vida nos
concedem fique no meio
térmo. Não sou alegre
e nem triste. Apenas vivo.
Enquanto vamos empurrando
a vida, uns vão,
desiludindo-se, outros
não revelam o que sentem
e procuram demonstrar
uma alegria que estão
bem longe de sentir.
Mas, a vida deve ser
adornada, com o amor,
a bondade, a integridade.
Evitar o poder,
e ser superior a sedução.
Estas qualidades deverão

ser o nosso esudo.
Não utilizar o nosso saber
para não prejudicar o próxi-
mo, porque é uma bondade
moral, iludir os incautes.
Todos nós somos escravos
do respeito mutuo, e té' esta
epoca, que respeitau
condignamente o homem foi
o Nosso Senhor Jesus Cristo
Ele, é o simbolo da
equidade. O seu natã
está em saber perdoar
os seus algoses. O homem
que deseou muitos
amigos. Foi sublime
quando disse:
Perdaai-lhes meu pai
Eles, não sabem o que fazem.
Revelando nobreza pedindo
perdao para os seus algoses
supliquei-lhe que me desse
caroço para enfrentar a vida

A carta.

Ela estava assim, sentada
 e reclinada

Na sombra de um arredado
 Uma carta, ela relia
 e sorria:

Salve, páise, um segredo.

Quando pôr ela eu passava
 sempre estava

com uma carta, nas mãos
 Um dia, tristinha chorando
 e lamentando:

Meu Deus! Que desilusão!

Vire tristinha a vagar.
 e pitar:

O espaço, horas, e horas
 Os véses diz ela, assim!
 Deus! Tenha pena de mim
 Socorrei-me, Nossa Senhora.

Vire tristinha a vagar.
 sem parar...

com os olhos fixos no chão.
 Como poderei viver
 sem mais ver!

O filho do meu coração

A carta era de um filho.
 No exílio

Sai mui distante mania
 A pobre mãe não falava
 Ocultando

A grande dor que sentia

Anda toda esparapada
 e anargurada.

perdeu a ilusão na vida
 Olha o espaço indiferente
 e sente.

Que está só, e deprimida

Vive triste a meditar
 & a chorar

& o que faz, todos os dias
 porque se um filho morrer
 o viver

Dai mãe, é uma agonia.

Outro dia não suportou
 & traddou.

Onde é que estáis anãr meu!
 Oh! Meu Deus! pãr piedade.
 Permite, não ser verdade,
 O meu filho não morrer.

Ele, era tão educado.
 & resignado.

Com a sua vida na pobreza
 gastando de trabalho
 para não faltar
 O pão na nossa, mesa.

parque vivo abandonada
 & amargurada.

Sentindo no peito a dor
 Eu quero alguém que me entenda
 & fala!

Casas bonitas do andar

"Santo!"

Eu gosto de uma pessoa
 Muito boa.

Tenho pãr ela, simpatia.
 Se eu lhe dissesse ao ouvido
 Meu querido
 Será, que me corresponderia?

Conto-o, nos meus versos
 & peço!

Oh! Não me podes saber
 Longe do teu olhar vou pensar
 Tu não me queres, porque?

Uma noite eu sonhei
 & delírei
 Estremadas nas d'as sózinhos
 minha boca ele beijava
 & me falava:
 Com meiguices, e carinhos.

Quero, não o esqueço
 & padêço;
 Nos meus sonhos eu te vejo
 Sei-me cingido no teu peito
 Deste jeito:
 Depois, dá-me um beijo
 Que tristezas ao despertar
 & não enlantar
 Este teu rosto risante
 Satisfiz o meu desejo.
 Dei-lhe um beijo.
 & pena, ter sido um sonho.

Amo-te muito querido
 No mundo, es o meu preferido
 Uma jóia, de grande valor
 Senho, para ti, no meu coração
 Uma promessa:
 De carinho, & muito amor.

Sei amar com sinceridade
 & amizade.
 Não amo, visando nada.
 Quero, um cantinho no teu coração
 Em troca desta afeição
 & já me sinto, realizada.

Riso de poeta

poeta, porque chora?
 Que triste melancolia
 É que minh' alma ignora
 O esplendor da alegria.
 Este sorriso que em mim insana,
 É minha própria alma, engana.

Passsei a vida a idealizar
 Sem concretizar;
 Um sonho seguir,
 Pretendia-me casar
 E ter um lar
 Com os meus filhos, e a mulher!

Mas, nem sempre se realiza
 O que a mente idealiza

Vim ao mundo predestinado
 A viver só, e abandonado
 Como coisas abjetas.
 Hoje, sou desiludido:
 Amei, e não fui correspondido
 Deus, não protege o poeta.

Uns beijos

É mui bela e cativante.
 Tem odores delirantes
 Das flôres.
 Quero-lhe muito querida
 Enche minh' alma de vida
 E amores

Quando pãr mim você possa
 Olho-a e acho graça
 Nas teus gestos simples e belos.
 O meu sonho é construir
 Para nós dois residir - nos
 Num castelo.

O teu olhar me enlela
 És nêiga quando me fala.
 És pura como o yasmim
 Cusmo que está lá no espaço
 Reclinado nas teus laços
 - Sempre assim!

O teu olhar brilha e seduz
 Tem um reflexo de luz.
 Eu refugio perdê-la,
 Não mais olho para o céu azul
 porque na terra já existe
 Uma estrela.

O teu porte d'ondinoso
 O teu sorriso famoso
 Deusa da sedução,
 És pura como a bonina
 Venha ser a inquilina
 Do meu coração.

Venha, gasar o meu amor
 Teus olhos são uns príndres
 Venha saciar os meus desejos.
 És na vida o meu ideal
 Dar-me-as como sinal
 Uns beijos.

Quando avança ven surgindo
 É refletindo
 Nitido sol no horizonte
 Em bando os passarinhos
 Deixam as ninhas;
 E voam sobre os montes.

As aves querem-se mutuamente
 E sentem!
 Unas ás outras afeições.
 Não têm a inveja daninha
 Que defilha
 E deturpan as enações.

Entre elas não há amizades
 É a igualdade.
 Não há classes, e nem nações.
 Elas deferem da terra
 Não fazem guerras.
 Mas disputas, de torneios.

Se azas pudesse eu ter
 E percorrer.
 O espaço. De Norte a Sul.
 Como é belo ver
 E contemplar.
 Este lindo céu azul.

"Pensamento de Paeta"

Estava eu a rir
 E a pensar.
 Porque é que existe ambição?
 É uma coisa que domina
 E elimina,
 A pureza do coração.
 As pessoas ambiciosas
 Inúteis
 Inúteis as praças, e as partes
 São os tipos repugnantes
 Semechantes,
 Do judeu Iscairites.

Manoã

grande náguo-me atamentava
 E eu, chorava
 Lembrando a infância, ditosa
 E grande dor que me invade;
 É a saudade.
 Da minha mãe, tão bondosa.
 No colo, ela me embalsava
 E cantava.
 Estórias eu adormecia,
 De manhã eu despertava
 Ela me dava;
 Café com leite, eu bebia.
 Tudo era tão diferente
 E eu, contente,
 Brincava no meu jardim.
 Minha vida era uma certeza
 Tanto certeza
 Manoã gostava de mim.

com meiquites ela dizia:

É eu, surria.

Filha. Estudo pãr fazer;

É quando você crescer

Há de ter.

Muito prestígio, e valer

Mas um dia a fatalidade

com impiedade.

Arrestou-a, e eu senti

compreendi tarde, demais

a falta que a mãe nos fez;

é sofri.

Sembr-me quando ela morreu
eu

Estou no início da vida.

Com sete anos incompletos

era o afeto.

Dá minha mãe, tão querida.

Trinado

A ave escolheu um galho

num cantinho

é construiu o seu ninho.

Reverte a vida a cantar

para alegrar;

seu inocente filhinho,

do romper da madrugada

em revesada.

Uaija, e galga a amplitude.

Retorna ao ninho silencioso

é contente.

Executa uma canção.

A sua voz variosa

é sonora.

O filhinho, extasiado

Ele vai ensaiando,

é executando!

Inocentes trinadas

contempla a mãe que deseja
 e deseja

Que surgen breves as penas
 Que se uniu-se ao bando
 Que voando;

Rompem os ares tão serenos

"Washington Luiz"

Meu Brasil Prudentemente
 Pátria de Stradestes
 Bêços de Washington Luiz.
 Tais um grande presidente
 Que honrou o nosso país.

Merece a consagração
 Do povo, e da Nação,
 porque soubeste governar
 político íntegro, e pioneiro.
 Não deixou o nosso dinheiro
 Desvalorizar-se..

Solteróna

Em que pensa Dona Luiza?

O que idealiza!

Meu tudo poderei dizer - lhe
 Desde quando eu a vi
 Não lhe esqueci
 Me de amá - la, até, morrer.

Como tens teus compromissos
 por isso;

Oculto os meus sentimentos.
 Tu estás dentro do meu cérebro
 isto, e não que um cérebro
 Não suportas estes tormentos.

Se o teu coração estiver
 e tu quiser!

Da-me um lugar, eu aceito..
 Já não durmo pelo o sono

Ambulicão

Viver oculto no teu peito.

Sero a vida a meditar
 E pôr te amar.
 Com ninguém mais simpático
 Para eu viver contente
 Semente;
 Do teu andar, eu preciso.

Se as minhas flores te deixasse
 E acariciasse...
 Você, e tudo para mim,
 Minha alma de te precisar
 Euja!
 O nosso amor... não tem fim.

Quantas cartas tenho te escrito
 E cito:
 És, o dono do meu coração.
 No sonho vejo mais dais,
 Mas depois...
 Desperto na solidão.

Este meu sonho é tão lindo
 E sonhando
 Desperto e penso, ... tolice
 Triste vida de solteirina
 Que ambiciona
 Frouses que um homem não disse!

A mulher que não é casada
 E' revoltada.
 põe a culpa no seu destino.
 A mulher não quer mandar
 Sem castelher.
 Os carinhos, masculinos

O lírio

O lírio branco é pureza
Que beleza.

É o adorno da campina
sua ramagem estendida
É refletida

sobre a água cristalina.

De manhã as mariposas
No lírio pousa

Aspirando seu odor
Amam com muitas ternuras
Trocam juras.

De, fidelidades e amores.

A minha vida era vazia;
É um dia!

Um lírio, desatrocado
Que saudade daquele instante
Delirante

Quando, no meu peito penetrou

O lírio, foi o amor
Que esplendor...

É amar! É ser correspondida
Quando o homem é competente
A mulher sente.

Que goi está, resplando na sua vida

Mas, este lírio nasceu
E morreu;

Resto á haste ressequida.

Lamenta as desventuras
E murmura!

Que rajada... na minha vida.

A haste que morreu,
Sou eu!

Go não viro para o mundo:
Um grande amor que passou
Deixou:

Em mim, desgostos profundos.

Quando se ama não se esquece
& padecer!

Se vem a separação,
O homem pode estar ausente
Mas estará sempre presente
No fundo do coração.

A vida só tem valor
com um amor.

Que saíba nós corresponder
Quando um homem tem qualidades
Quantas felicidades
Com ele, é tão sublime viver!

Sem o homem a vida é tristinha
e padonha.

Como a campo silente e frio,
Sou como a haste pendida
& ressequida...

sem amor... sem alegria.

A passara da.

Quando surge alterada.
A passara da.

Percebem a imensidão
Que gângueio harmonioso
& sonaroso.

É alegria lá do sertão.

Quando o trinar suave
Da ave!

Concepi a meditar
A mim, alma entristecida
& eu sentia!

Desejos de chorar.

porque é que as aves cantam
& encantam!

Não têm nada a lhes preocupar?
Entre nós há uma diferença
imensa!

porque eu, só sei chorar.

ouvindo o cantar dolente
cadente

Da areia lá do sertão
Ela, ha de ser como eu
que já sofreu.
Amarga decepção.

Se sua vida existirá alguém
Que ela quiz bem!
Partiu para não mais voltar
Ela, ha de ser como eu
que compreendeu;
Que o macho, não sabe amar

Ela canta para expandir
& transmitir
A sua música interior
Ela ha de ser como eu;
que compreendeu.
Que o macho, não tem amor

A rosa

Eu, sou a flor mais famosa
Disse a rosa
Vaidosa!

Sou a musa de um poeta.
Pôr todos sou contemplada
& adorada.

A rainha predileta.
Minhas pétalas aveludadas
são perfumadas
& acariciadas

Que aroma recondente!
Para que me seje esta escência
Se a existência

Não me é conferente....
Quando surgem as rajadas
sou desfolhada
Espalhada

Minha vida, é um segundo.
Transitório é o meu viver
de ser...

A flor rainha do mundo.

Ingenuidade.

De uma coisa eu tenho saudade
 É da minha ingenuidade
 Não conhecia a maldade
 Nem o ódio, nem a ambição.
 Que penetra na nossa mente
 Da raiz, e da semente
 E deturpa o coração.

Do meu ego fiz assepsia
 Para receber só a alegria
 Pois desejo me modificar
 Quero, ser semelhante ao Cristo:
 Que aos homens, ensinou isto:
 Perdão!

O homem deve ser fraternal
 Os que praticam o mal
 Nem a si mesmo favorece.
 Os que adotam a maldade.
 Não auxilia a sociedade.
 Só o desprezo, merece.

Mistério

Quantas vezes dedica-se amizade
 A um tipo real sem qualidade
 Destituído de valor.
 Que nós faz chorar, e sofrer.
 Mas, quem pode compreender
 O mistério do andar!
 As vezes um homem é covete,
 Não é o nosso predileto.
 Não lhe temos simpatia.
 É amando um capajeste
 Que não honra a escola que veste
 Uma parca.

As vezes um homem é desprezível
 Tem nobreza e tem valor
 Mas, a mulher é inciente.
 Uma, quem é inferior.
 As vezes um homem é gentil
 Tem qualidades ilibadas.
 Mas, a mulher é imbecil
 Uma. Quem não vale nada.

Desilusão

Sirei um desgosto profundo
Neste mundo.

É lero a vida a meditar
As que me ver saindo diz:

Que sou feliz...
Porque eu sei ~~desilusão~~ ^{desilusão}

Vivo triste sem ilusão.
Que provação.

Passo os dias sempre sofrendo.
Que existência sacrificada
É atribulada

Nem sei porque, estou vivendo!

A minha alma já envelheceu
É eu?

Das páves, fui entristecendo
Senho na mágoa interiormente.
É atualmente...

Estou morrendo! Estou morrendo.

A causa da minha dor
Foi o amor.

Não fui correspondida.
Por isso eu vivo isolada
É amargurada.

Eis, o drama da minha vida.

Só quem já foi preterida
Na vida

É quem conhece esta extensão.
É quem pode analisar
É citar:

O que é uma desilusão.

Maximas de maio

O minha filha querida.
Parabéns. Pais reais casar
Queres ser feliz na vida
Alega-me, o que vão citar

Dizem que é a mulher.
Que faz feliz o seu lar..
É feliz, se ela souber
Viver, e pensar.

Trate bem o teu marido
Com toda dedicação.
Não o deixes abandonado
Não lhe faças inquietidão.

Se o teu marido falar
Não lhe custes a descer.
O que se passa no lar.
Ninguém precisa saber.

Se tens filhos da -thes prozer
Enquanto são meninas,
Porque depois de crescer,
Ninguém sabe seus destinos

compárrma - te e não protesto.
As contingências da pobreza.
Ser pobre, e honesto,
É uma grande riqueza.

Sêja muito carinhoso.
É agradável no falar,
Uma mulher mentada,
Não prende o esposo no lar.

Sêja uma mulher decente
Quando o teu esposo ausentar. se
Ele ho de ficar contente
Encontrando: ~~o~~, no lar.

Como é bonito um lar.
Onde reina paz e amor.
O casal que discordar
Perdem, todo o valor.

A mulher que quer predominar
 Como se fosse uma imperatriz
 Estas desfozem o seu lar
 Não deixa o homem ser feliz.

A mulher que é prepotente
 E quer ver o seu desejo realizando
 O amor que o homem sente
 Vai espiando, vai espiando.

"Getúlio Vargas"

Está o orgulho da nossa gente
 É opinião brasileira.
 Que tiremos um presidente
 Que honre a nossa Bandeira

Getúlio heróico e potente
 Grande alma Nacional.
 Retire-se o presidente
 Desde o tempo de Cabral.

Éramos um povo inibido
 Apático, e sem ação.
 Mas Getúlio, o destemido...
 Nos deu um empurrão.

Retirou do aperário a tábua
 Deu-lhe apoio e proteção.
 Considerou-lhe com delicadeza
 A colaboração, no progresso da Nação.

"Súplicas do mendigo."

Um mísero seguia
 Levando uma trave nas costas
 Uma prece a Deus, em sua
 Espera inquieto a resposta

Jesus, porque não assim?
 Que grande mal cometi
 Porque olvidais-se de mim
 Espero o auxílio que pedi

Como é triste o meu penhor
 A indigência é atroz.
 Não vês? Eu vivo a implorar
 Porque não ouves-me a voz.

Jesus suplico-lhe, Senhor!
 Preciso o auxílio vosso
 Porque voz não atendeu-me
 Viver sem ti, não mais posso.

Vós onipotente
 Nosso redentor
 Que és este indigente
 Socorrei-me, Senhor.

Não são gozias nem riquezas
 Eu não tenho ambição,
 É um fardo agreste a pobreza
 É viver, num cansaço

Senhor dó, de quem padece
 Jesus! Venha me socorrer
 Quem me dera se eu pudesse
 Deixar de comer!

Sopro tanto. Óh! que tristeza!
 Preciso o auxílio vosso
 Os que vivem na pobreza
 Lutam em prol do pão nosso

Não me preocupo com a grandeza
 Probre, não têm ilusão
 Que não falte na minha mesa
 Um pedacinho de pão.

Trabalho com assiduidade
 Olham os olhos nos meus olhos
 Tenho filhos em tenra idade
 Que implora. Quero pão.

Como é sacrificada
 A vida do trabalhador
 O salário sobe de escada
 Os preços, de elevador.

Mentira

Pobre ancião vagando
 de esmo, sem direção.
 Platando que ele chorava
 Quis saber qual a razão.

De cheguei-me lentamente
 Boa tarde, eu lhe disse,
 Estais tão triste o que sente?
 Não é nada. É a velhice.

A juventude é fagueira
 É alegre a todo momento
 Ela passa muito ligeira
 É veloz, igual ao vento.

Vou citar-lhe o meu viver
 As boas horas juvenis
 Tive alegrias e proezas
 Reseidei das esências.

Contorta na adolescência.
 Nada aprendi a fazer.
 Do me ver na indigência.
 Fui pedir, para comer..

Outora pérido airaso
 trataram-me vossa Excelência
 Hoje, acham-me indecoroso.
 Sou vaga reminiscência.

Quando rico não pensei;
 Hoje, sou um indigente.
 Aquela que eu muito amei
 Oubrou-me, interamente.

Do veia-me nesta indigência
 Todo roto ao léu e palido
 De calou a vossa Excelência
 Eu sou um troço esquecido.

A mulher que amei loucamente
 Escarneceu a minha dor
 E assim fiquei ciente,
 Que era falso, o seu amor.

Constrói um lar... suplicou
 Hei de ser boa e carinhosa
 E um dia, me abandonou
 Oh! que mulher mentirosa. IMS

Os que tem mau educação
 É que esquecem num segundo
 Tudo e interesse amaldiçoado
 Tudo mentiroso, neste mundo!...

Hoje sei que me olvidou.
 O seu afeto, foi passageiro
 E assim ela comprometeu:
 Que amanta, só, o meu dinheiro.

Tarde demais compreendi
 Não mais confio em alguém
 Que não ama o homem em si
 Mas, apenas, os seus bens.

"Pensarço"

No minha porta veio um dia
 Uma senhora, a implorar.
 Unida ao peito trazia
 Uma criança a chorar.

Azallhou-se as vestes despretas
 Tenha do desta impelir compadecer
 Manda honrar esta receita
 Que Deus no céu lhe agradece.

Senhor! sobre isto inocente.
 Vêjo, é grave o seu estado.
 Se o teu filho está doente...
 Crêio não ser, o culpado.

A criança os olhos ergueu.
 Ditou-me, e deu-me um sorriso
 Depois para mim, respondeu:
 Somente de Deus; preciso!

A criança não tinha idade:
 parece falar! E falar!
 pôr eu negar-lhe a caridade
 Deus, me castigou.

Vi a mulher entristecer
 E aos pouco perder a cor.
 Seu único filho feneceu
 Debotendo-se, no estertor

Na minha mente quonou
 Aquêlê ingênuo sarrisso
 Quando a criança falou:
 Somente de Deus, eu preciso

De tanto pensar, Charlie
 É nada mais me cansado
 Desgasto, porque mequei:
 Uma esmola!

"Presente"

Men Deus! Estão tão contente
 Que alegria interior...
 É que eu reebti um presente
 De Jesus Nosso Senhor.
 Não tem eu estorta dorêta
 É hoje... não mais sinto dor.

Negros

Dizer que os negros têm defeitos
 É sempre sempre humilhações
 É se reclamam os seus direitos
 Nunca os negros tem razões

O negro não tem defeito
 Tem qualidade e valor
 O judeo não era preto
 É vên-deu Nosso Senhor

Tua existência é um estertor
 Seu sofrimento, é profundo
 Pôr causa da tua car
 És infeliz neste mundo!...

Difocam os nossos clamores
 Quando somos perseguidos...
 Só Jesus Nosso Senhor
 É quem ouve os nossos gemidos.

Jesus Nosso Senhor.
 Não implantou a desigualdade
 Não canclendu o nome de car
 Não lhe baniu da comunidade.

Revanção

Imploras-me tão triste.
Que eu seja o teu amigo,
penetres. Encontrarás
dentro do meu peito abrigo.

Que não discardes nunca
em tudo que eu vos dizer.
Residirás no meu peito.
O tempo que quizeres.

Não m'ô disseste nada.
Sóvi, em que medita
deixei-me contemplá-la
Es jovem, e tão bonito!

Ah! Velhos tempos idos!
Saudosos que passaram
No meu rosto uma ruga
Os anos, me deixaram.

Os poucos dias que restam-me
Do teu lado, viverei;
Agora que sou andar.
E primeira vez, amei.

Querida! vejo, eu claro
Sou velho, & vou partir.
E morte breve - virá
& eu, não quero ir

Estou na decrepitude.
Tenho os meus dias contado
Você em plena juventude,
Há de enfiar-se ao meu lado

Confesso, que os teus carinhos
Pensou-me, deu-me prozer
Se me deixares sozinho
Não sei que hei de fazer.

Não devemos ser maus
E maldade não tem valão
Vamos praticar o bem
Que agrada o Nosso Senhor

O Colono e o fazendeiro

Diz o brasileiro
Que acabou a escravidão
Mas o colono sus o ano inteiro
É nunca têm um tostão.

Se o colono está doente
É preciso trabalhar.
Luta o poleiro no sol quente
É nada têm para guardar.

Linco da madrugada
Toca o fiscal a carneta
Respertando o camarada
Para ir para a colheita.

Chega a roça. O sol nasce.
Cada um, na sua linha
suando e para comer,
So feijão e farinha.

Nunca pode melhorar
Esta negra situação.
Came, não pode campear,
Pra não derer ao patrão.

Fazendeiro ao fim do mês
Dá um vale de cem mil réis.
Artigo que custa seis,
Vende ao colono por dez.

Colono não têm futuro,
É trabalha todo o dia.
O poleiro não têm seguro,
É nem aposentadoria.

Ele perde a mocidade
A vida inteiro no mato,
É não têm solidão de
Onde está o seu sindicato?

Ele passa o ano inteiro!
Trabalhando. Que grandeza...
Enriquece o fazendeiro,
É termina na pobreza.

Se o fazendeiro falar:
Não fique na minha fazenda
Colono têm que mudar
Pois há quem o defenda. IMS

Trabalha o ano inteiro,
 E no Natal não têm alívio,
 Percebi que o fazendeiro
 Não dá volar ao colono.

O colono quer estudar
 E domina a sapiência do patrão.
 Mas, é escravo, sem que estacionar,
 Não pode dar margem à vocação.

A vida do colono brasileiro
 É pungente e deplorável.
 Trabalha de janeiro a janeiro.
 É viver sempre miserável.

O fazendeiro, é rude como patrão
 Conserua o colono, preso no mata.
 É espoliado sem lei e sem proteção
 E ele visa o lucro imediato.

O colono é obrigado a produzir
 E trabalha diariamente,
 Quando o coltado sucumbir,
 É sepultado, como indigente.

Pobre mãe perambulante
 Com as olhas fixas no chão.
 Como poderei viver
 Nesta negra condição...

Percebia com o olhar o espaço
 E redria - o novamente ao solo.
 Com meiguice acariciante.
 O filho, que tinha ao colo,

Pobre mulher, onde vai?
 Que triste destino, é o teu
 Estão procurando o papai
 O bom, aniquinho meu.

Como é triste o meu destino
 Oh! existência lacrimosa
 Sou semelhante ao peregrino.
 Só no mundo, e tão inditosa.

Vivo errante, e descontente
 Minha existência é uma luta
 Eu imploro ao Deus Clemente
 Só ele é bom. E me esculpa

Quem ouve as nossas clamores
 Nossas lutas e as aflições
 É Jesus Cristo Nosso Senhor,
 Porque não foge seleções.

Vamos vamos, filho meu!
 Não temas teto, e nem pão.
 Nosso pai desapareceu
 Deixou-te na solidão.

Vamos vamos filho meu!
 Na campã do teu notue aruô
 Aquêlê pai o nosso amigo.
 É a morte ingrata, o lertou.

Meu filho! porque sofre assim!
 Se ainda não tens peccado
 Se a morte burlar-se de mim,
 Ficará desamparado.

Sem ter quem vele os teus passos
 Com carinhos e sacrificios.
 Já cairás nos laços
 Que ^{são} as péssimas vilios.

A mãe perambulando
 Tudo isto lhe vem na mente
 Contemplo o filho, e chorando
 Exclama - Polae inocente!

"Súplicas de amor"

Venho de longe procurando o teu olhar
 Terna e meiga me fitaste um dia
 O meu coração pôr ti, a palpitar
 Já me inspiraste, amor e poesia.

O teu olhar é puro como o lírio.
 Deixou minha alma em laços dearianeis.
 Desde esse instante, eu souro e deliro
 Quero amo-lo, e tenho refugio.

Tê-la ao meu lado pôr uns momentos
 Queria dizer: como eu te adoro.
 Amenizar estes meus soprimentos
 É o delhado, que eu vos imploro

Segredo Oculto

Senho abscondido Bem no fundo
 A mais subtil aspiração.
 Era dizer - lhe que vieste ao mundo
 E habitaste no meu coração,

Es na minha vida estêta a luz
 Es o anjo que unidee a plân.
 Eu desejo - lhe, deves ouvir - me
 Não seja ingrata. Quero o teu amor.

Seus olhos são faróis a iluminar
 A minha vida de peregrinação
 Estou exausto; eu quero repousar
 Eternamente no teu coração,

Dos teus braços, estrego - me.
 Guia - me. Quero - lhe, me candeiz
 Pôr amar - lhe puro, estou cégo.
 Do mundo és, a minha luz.

És mais bela, do que a rosa!
 Senho pôr ti, grande adoração.
 Quero - lhe, es meiga e carinhosa
 Vem morar, no meu coração..

O Turco e o Sampaão

Um turco ia contente
 Serenando um cêsto na mão
 Quando surgiu na sua frente
 O famoso Sampaão.

O turco logo parou!
 E começou a gaguejar
 Sampaão lhe perguntou:
 Têi tês fumo para me dar?

O turco mudou de cor
 E começou a chorar.
 Eu não fumo não senhor.
 Mas, querendo, eu posso fumar.

Quero-lhe;

Querida! Venha, imploro-lhe
Quero-lhe junto de mim
Sabes o quanto adoro-lhe
Não me faz sofrer assim.

Eu disse ao teu ouvido;
Sem ti, não sei o que faço!
Sei dirás, venha querido!
Da-me um beijo, e um abraço.

Stão me amas? Perguntei-lhe
O teu silêncio, não dig, não!
Talvez nem mesmo oluprei...
— Um lugar no teu coração

Onde foi que tu andaste
Deixando-me abandonada
Um instante como você...
Delevará com a minha vida.

Se você não pretendia
Viver sempre ao meu lado.
Foste ingrato e não desarias
Zingar-se apaixonado.

Meu avô!

Quando estava contente, cantava:

Cuidado com esta negra!
Que esta negra vai conto!
Cuidado, que esta negra
É pucha saco da sinhô.

Cuidado com esta negra
Que esta negra já conto.
Cuidado que esta negra
É pucha saco de sinhô.

Esta negra é cacambeiro,
Gosta só de espianá,
Esta negra é faladeira
É conta tudo pra sinhô.

Esta negra é perigosa!
Tudo que vê ela fala,
É a sinhô pica mentoso
É nos prendem na senzala.

Estátua de Pedra

Amor, a água que corre
 O cantar da yuriti
 São pensos em alguém que nunca
 — saues de amores pãr ti.

Amo o espaço deserto
 As estrelas e o seu pulgão
 De ti estou sempre perto
 Não me dedicas amor.

Oprimir a dôr pungente.
 Sem ter quem de mim, comradece
 É ainda sofrer ocultamente
 pãr alguém que não se esquece!

Os meus sonhos, que primários...
 Era, amar-lhe com ternura.
 Tinha-se o meu andar
 Dei-lhe a pouco, a sepultura.

No epitáfio está escrito;
 Descanse em paz, querida!
 Tãste, o meu andar infinito
 e a razão da minha vida.

Durekaton. He outros troços,
 Dia a dia, este amar, medra
 Fiquel imóvel, mas sei o que faço
 Qual uma estátua de pedra.

"Visito -

Visitando uma prisão
 Comorceu-me o coração
 Vi, tristezas e ansiedades.
 O prêso é triste e descrente
 E pensa constantemente;
 — Na liberdade!
 Afli através das grades
 Ele chora. E sente saudades.

Doí sua infância querida!
 Do início de sua vida
 Quadras de felicidades,
 Na infância errou um dia,
 E assim êle destruiu
 suas possibilidades.

Festa das Brichas

Esenta e presta atenção,
 Na estória que eu vou contar
 A cobra e o rei Leão
 Amavam, iam se casar

A cobra estava elegante
 Seu vestido, que te leza!
 O tigre e o elefante
 Com os serpentes da mãe.

Ouriço e O. Onça,
 Os vaitos eram os padrinhos.
 Com ouriço ninguém dança
 Pois têm medo das espinhos.

Urso cantou uma canção
 O macaco respondeu.
 O sapo fez o refrão
 Diz que a terra estremeceu

O elefante ficou zangado
 Mentoso não quis dançar
 E aqui sou o delegado
 Preciso me respeitar

É que, o macaco imprudente
 Começou a criticar.
 Dizendo que o elefante
 Era feio para dançar.

O macaco não obedeceu
 E continuou a insultar
 - Ele é maior do que eu.
 Mas não dá pra começar.

O lobo chamou o veado!
 É melhor, ir-mos embora,
 O macaco está embriagado
 - Vai ter briga, não demora.

A discussão, deu em nada.
 E a festa continuou.
 Mas, veio uma chuvazada
 Por isso o baile acabou;

O exilado

Eu não esqueço aquele dia;
 A vez primeira que li
 Era uma linda poesia
 E a emoção que senti.

O meu autor predileto
 O imortal Gonçalves Dias
 Eu lia com muito afeto
 Os seus livros, de poesias.

Pobre poeta, exilado.
 Nas terras que não é sua.
 Sente saudades dos prados
 Das nossas montes de lua
 Minha terra tem brilhante
 O azul céu e o verde amil.
 O poeta lá mui distante
 Tem saudades do Brasil.

O que fez o Gonçalves Dias
 Para ser um exilado?
 Será que escrever poesias,
 - é pecado?

Em que pensos?

Em que pensos querida?
 - Na vida.

Sui pensares na vida...
 Porque?

Reclino aqui no meu peito
 E tenho o direito
 De pensar por você.

Songe querida eu sofri,
 E senti.

Profunda saudade!
 Procurei-lhe para revelar-lhe
 Que hei de amar-lhe
 Com toda sinceridade.

Amoí-a com amor profundo
 Neste mundo.
 Senti, a minha vida fenecer
 Você é tão carinhosa
 E fãrmosa
 E o meu afeto, não arrefecer.

Carta de luto

Ela usava um peignoir azul
 E contemplava o céu da mesma cor.
 Olhava triste a direção do sul
 Lá onde estava o seu grande amor.

Dizia triste, o que será Deus meu!
 Qual é o motivo que ãlle não regressa
 Disse-me um dia, o meu coração é teu
 Mas mentiroso e falsa esta promessa...

Porque não cumpre o homem o que diz
 Porque Deus meu o fizeste infiel assim
 Reconheço que não mais serei feliz
 Se aquêlle ingrato não voltar a mim

Aquêlle beijo, calido e sedutor
 Aquêlle olhar puro ingênuo e santo
 Disse-me um dia saís meu grande ^{amor}
 E com saudades praguejei. se e Pronto

porque é que o destino nos reserva ironias
 Que nos deixam tristes e desiludidos
 A notícia que a carta lhe transmite.
 Não penses em mim pôste substituído

Ai meu gente. Um ruído escuto.
 É ilusão. Ninguém recardo quem sou eu
 Era o carteiro com uma carta de luto
 Ela chorava o grande amor que morreu

Quando disse-lhe hei de amar-lhe eternamente
 Era ingênuo por isso acreditava
 Mas agora que ãlle estava ausente
 O seu coração sensível despedaçava.

Não brinca com a mulher!
 É a pior coisa que existe.
 São poucas as que nos deixam alegres
 E são milhares que nos deixam tristes.

Atividades

Encontrei-me com uma senhora
de fisionomia abatida.
Perguntei-lhe porque chorava?
já estou exausta e vencida.

Não mais dá gosto viver
que lutar! Que aflição.
Oh! Deus que hei de fazer
dá-me a tua proteção.

Trabalho, o ano inteiro.
Sem um dia posso perder.
Luto, e não tenho dinheiro,
& nem pão, para comer.

Tenho medo de enlouquecer
Oh! existência oprimida
Não sei quem é que vai deter
O alto custo de vida

Não sei porque estão vivendo
se me falta até a ilusão,
é uma fama de ir morrendo
instantaneamente a prestação

Vires falando sozinho
Estranhando a minha dor
Necessitando a época que eu tinha
Tranquilidade interior.

Não mais posso trabalhar
pungente, é a minha condição.
E se eu for mendigar?
Ameaçam-me com a prisão.

Não percebem as autoridades
Que já estou aprisionada.
Com estas dificuldades
Que sou uma desgraçada?

A velha nota, e revoltada
Tudo o que sofreu narrou-se.
Vires ao léu sem ter morada
O mundo do pólvore, acabou-se.

Deus! é a única esperança
desta classe sem apoio certo
Luta e sofre. Pôr fim se lança
igual ao viajante no deserto.

Of Vida

Of vida é concernente
 Das que dela tiram proveito.
 Eu souro hávirelmente
 Ao ver o meu sonho desfeito
 - Será banalidade...
 Sonhar com a felicidade?

No auge dos sofrimentos
 Quem não maldiz a sua sorte
 Todos nós, temos momentos -
 Que desejamos a morte
 Breve, quem sabe farei,
 A viagem da eternidade.
 Recordações lerarei.
 Não sei, se deixo saudades.

Não tenho mãe para chorar
 A perda do filho amado
 Sou uma ave sem lar
 Um infante, exilado.
 Virei ao céu, sem ter abrigo.
 Somente Deus! É o meu amigo,

Noite de São João

porque é que estais tão tristes?
 É alguma desilusão?
 É uma saudade que existe.
 Dentro do meu coração.

Eu percebi que a saudade
 traz inúmeras recordações.
 Meus tempos de mocidade
 E nós, soltaríamos os balões.
 Rezávamos para São João!
 pedindo-lhe proteção,
 Do redar de uma fogueira
 Eu, minha mãe e meus tios
 Cantávamos a noite inteira
 latias, e desápios.

Agora estou na cidade
 Bem longe do meu sertão.
 As vezes tenho saudades
 Das noites de São João.

Reminiscências

Quando criança eante poro o céu
 quantos belezas lá deve existir
 se eu pudesse descer a terra
 com as estêlas quero residir.

com as desidias que via
 ia distanciando, do mundo
 onde uns cantavam outras ^{sofriam}
 desgostos profundos.

Quando criança, tudo é diferente
 de gente nunca e o tempo passa
 o mundo é belo para o inocente
 que desconhece ~~amarga~~ ~~tocha~~

Hoje vivo a chorar saudosa
 de minha infância tão bela
 que quando pundo a rosa
 não mais esqueço-me dela.

De manhã pegava a enxada
 da pra roça trabalhar.
 de tarde estava cansada
 e antava, ia me deitar.

Do-me as rosas

Na campã em que eu repousar
 solitário e teneltrado.
 Eu vos peço para adormar.
 O meu jazigo com as rosas.

As plãres são formosas
 dos olhos de um poeta
 dentre todas ~~são~~ as rosas
 de minha plãr predileta.

Se aplicãares aos versos inocente,
 que deixo escritos aqui!
 e quizeres ofertar - me um presente.
 Do-me as rosas, que pedi.

Agradeço-lhe com fervor
 desde já o meu obrigado.
 Se me leuãres este plãr.
 No dia dos pinados.

Do meu amor

Hei de amar-te até morrer
 De alma e de coração,
 Não mais hei de esquecer
 Esta tua ingratidão.
 Trai você na minha vida,
 Que o meu coração amou.
 Hoje por ti sou esquecida;
 Tudo para mim... acabou!

O meu coração não resiste
 À dor que no meu peito mora,
 No mundo eu vivo tão triste,
 Porque, ninguém me adora.
 Nos beijos encontrei espinhas
 No abraço a traição.
 Eu procuro é o carinho
 Para alegrar o meu coração.

Não sabes tu como eu fico;
 Tristonha e desituidada,
 Este amor que eu ti dedico:
 É não ser correspondida.

Tristeza

Eu tive um grande desgosto
 Que ando, com os olhos fixos no chão
 Trago estampado no meu rosto,
 O que sofre o meu coração.
 Eu vivo no mundo a esmo.
 Nada mais me reconforta.
 Os rézes pergunto a mim mesmo
 Se estou vivo, ou se estou morto.

A vida não tem beleza
 Com aguras no coração
 Quem inventou a tristeza?
 Não merece congratulação.
 Eu não gosto de chorar
 Pudesse eu viver cantando!
 Mas quem nasce para penar
 O fim, é morrer penando.

Não sei que tristeza é esta
 Que em mim, criou raiz.
 É uma coisa funesta
 Que não me deixa ser feliz.

Hypócrisia

Há, as que nos tratam com ingratidão
 Mas causando imensos danos.

Mas quando estamos mortos no caixão,
 Vem adornar o nosso câpo com plâres,

Há, as que ferem a nossa sensibilidade
 Mas desprezando sem elenência.

Quando partirmos para a eternidade
 É que nos tratam com defênçia.

Em vida, só sabem nos martirizar
 Polartras nudes, não nos comporta
 Peço-lhe; para não chorar

Quando me veres, morta.

Quando o esquife baixar na sepultura
 O Espírito sairá de contentamento.

porque vai pindar a o meu soprimento
 Estingui a minha agureza

Quando eu morrer!

Não levei recordações.

Pois foi duro o meu viver
 com as atribulações.

Dona Leonor

para o pobre que dorme na colada
 Que conhece na vida só o estertor.

A sua alma era agasalhada
 Com o carinho de, D. Leonor.

O pobre, que não conhece o lar
 Que impetam a nossa cidade
 Para elle D. Leonor e Adhemar
 são quasi divindades.

O pobre que só conhece o desobrar
 Que é obrigado a estender a mão
 consente o Adhemar e D. Leonor
 - No fundo do coração.

D. Leonor e Dr. Adhemar

Merece a nossa commoção.

Porque o pobre não sabe pagar.

- O jogar com ingratidão.

Obrigada D. Leonor!

Não deixes o pobre ao léo
 Há de receber uma plâr
 De Deus! Já no céu.

O juiz

Você sabe que eu tenho pena
De ver-lhe por detrás das grades
Mas o juiz julga e condena
Sem imparcialidade.

Pego-lhe que não transnie
Doi voltar a liberdade...
Ser livre... que alegria
Quanta felicidade.

Quem inicia a vida errando
Quem não sabe obedecer
É infeliz está armazenando
Aquelas no seu viver
Existem os baixos na estatura
E que são altas na dignidade
Os tipos que alatan a lisura
E vivem na proclividade.

Êstes, não têm o juiz!
Porque vive na retidão,
Candidato a ser sempre feliz
Sem o receio da prisão

Sanhei

Sanhei que estava morta.
Vi um corpo no caixão.
Envez de flâres eram liras,
Que estavam nas minhas mãos.
Sanhei que estava estendida
No limo de uma mesa,
Vi o meu corpo sem vida.
Entre quatro velas, acesa.

Do lado o padre rezava
Comoveu-me a sua oração.
Do bon Deus êle implorava
Para dar-me a solvação.
Suplicava ao pai eterno
Para amenizar o meu sofrimento
Não enviar-me para o inferno!
Que deve ser um tormento.

Êle deu-me a extrema-uncção
Quanta ternura, notei.
Quando foi fechar o caixão
Eu sonhei... e despertei.

Os feijões

Será que entre os feijões
 existem o preconceito.
 Será que o feijão branco,
 Não gosta do feijão preto?
 Será que o feijão preto é revoltado?
 Com o seu predominar
 parece que é subjugado
 O feijão branco será um ditador.

Será que existem rivalidades?
 Cada um no seu lugar
 O feijão branco é da alta sociedade.
 Na sua casa o feijão preto não pode entrar
 Será que existem desigualdades
 Que deixa o feijão preto lamentar
 Nas grandes universidades
 O feijão preto não pode ingressar
 Será que existem as seleções
 preto pra cá e o branco pra lá
 E nas grandes reuniões
 O feijão preto é vedado a entrar?
 Creio que no meio dos feijões
 Não existem as segregações.

O prisioneiro

Numa gaiola habitada
 Um pobre conarinho
 Para não chorar cantando
 Do recordar o seu ninho.
 Virar no carcere insano
 Como é bela a liberdade
 Eu quero sentir os montes
 Libertai-me destas grades.

Saudades dos dias que estes
 Quando o sol descortinava
 Eu ando alegremente
 Nos prados viajaram
 Virto nesta prisão...
 Triste terneltridade
 Não violi a retidão
 Eu mereço a liberdade.

É na imensa ansiedade
 Vertorá o tempo a espantar
 Conseguir não ver as grades
 Verer o querido lar.

Não encontrou o lar saudoso
 Nem os amigos de outrossa
 E num pranto copioso,
 Voltou-se para a gaiola
 O seu gorgônio estentado
 Pouco a pouco, emudeceu.
 As vezes fitou o céu
 E de saudades, morreu.

E vive no seu passado
 Fazia uma revisão
 Para ver se havia errado
 E se era justa a sua prisão
 Oh! quanta infelicidade
 O meu destino é atroz
 Eu perdi a liberdade
 Pela causa da minha voz

Minha pátria

A solidão me torturou
 Era um inóspio no amor
 Alguns coísa faltava
 Para acalmar a minha dor
 Minha pátria, era sombria
 Fui viver em outro país
 Sem amor, sem alegria
 Longe, toques, serrei feliz!

Vaguei montes vales e serras.
 Nada era semelhante
 Nada igual a minha terra
 O meu sol, é mais brilhante.
 Ao fitar a imensidão
 Notei. O céu, não era tão azul
 E faltava a constelação
 O nosso Cruzeiro do Sul.

O arroso cair da tarde
 Contemplei o sol no horizonte
 E senti imensa saudade
 Do meu Brasil, tão distante

Os flôres não eram belos
 As nossas são mais fagueiras,
 Toltam as cores amarelas
 Que ornam a nossa Bandeira.
 Os flôres de outros terros
 Toltam virtuosidades
 Os belos flôres são as que enchem
 As mães e tranqüilidades

O idioma é diferente
 Aspiraões é pugil.
 Não posso viver contente
 Longe do meu Brasil.
 Que é um país predominantemente
 Na sua grande extensão
 O Brasil é um continente
 Que está no meu coração.
 Aqui na minha terra sou Rei!
 Lá, eu, era um estrangeiro.
 Que alegria quando regresssei
 Com orgulho de ser brasileiro.

Bateu na porta; era a pobreza
 Recolhe altivo, era a riqueza
 - O que deus aqui fazer?
 O pobre soluçando diz:
 Riqueza, eu sou infeliz!
 Venho pedir - lhe, para comer.

Servanto altivo a riqueza
 Recolhe as migalhas da mesa
 Lá a pobre, e vive - lhe as costas
 Que deus lhe aumente a honra.
 A rica, não deu respostas
 E a pobre de alegria - chora -
 - Pobre quando ganha esmola
 Com qualquer coisa consola
 Reza para o seu benfeitor.
 Nunca mais ele o esquece
 Recomendando-o ao seu prece
 Que enatia ao Nosso Senhor.

O devoto

Quando tange o campanário
 O velho pega o rosário
 E põe-a aos pés do oratório.
 E uma vela sempre acêsa
 Para que Deus lhe proteja
 Do fogo do purgatório.

E sua mãe lhe dizia.
 Que o purgatório é onde espia
 E sinuca - lhe a ser cristão.
 Quando tange o campanário
 Ela pega o seu rosário
 E rezava uma oração.

Quando criança rezava
 Porque a mãe lhe obrigava
 Ir na missa todos os dias.
 Quando o sol declinava
 E família apôchava
 E oravam - de Mãe - Maria.

Um dia a mãe espirou
 Nunca mais elle rezou
 E desprezou a religião.
 E andava com as nas companhias
 E acatou os seus dias
 Nas grades de uma prisão.

Todos nós devemos orar
 Ir na missa, e confessar
 Seguir a santa religião.
 Devemos honrar os padres
 Ouvir os conselhos das madres
 Para a Nossa Salvação.

O pequenino

Encontrei um pequenino
 vagando ao léu sem destino
 sem ter onde descansar.
 Talvez che fosse um amigo
 tem o aspecto de um mendigo
 O infeliz, não tem lar.

Quando souber meditar
 Entrieste e vai chorar
 Tudo é sombrio ao teu redor.
 É uma haste abandonada
 É pôr não ser cultivada
 Não tem viço. Não dá flor

O infeliz não vai a escola
 passa os dias pedindo esmóla
 É não aprende uma profissão
 Quando este infasto crescer
 — O que vai ser?
 Um candidato para a prisão

Dúplice de um cego

Jesus!

Senha de mim piedade
 Dai-me, eu vos peço a Cruz.
 Dá-me esta caridade.
 Oh! se eu pudesse clisar
 Estas estrelas a brilhar.
 Do sol eu sinto o calor
 Mas, não sei qual é a sua cor

Dizem que o sol é amarelo
 & a noite, o céu, é preto

Eu vivo na escuridão
 guiado pôr outras mãos
 Algo falar n'altearado
 No râmper da madrugada
 Nas lindas tardes de abril
 & que é lindo o meu Brasil.

Na minha palhoça
 Era eu e a cabrocha
 A querida Maria Rita
 Do sertão, a mais bonita.

Minha casinha.

Era muito bonita
 Era um ninho de amor.
 Toda enfeitada de flôr.

Quando eu chegava
 A Maria Rita, eu abraçava,
 Eu tocava o violão
 Ela cantava uma canção.

Eu passear.

Se eu pudesse admitir
 Que ia me encontrar ^{com} o Mané João

O ricoço do sertão

Que: Olhou a Rita
 Minha cabrocha bonita
 Disse - he, meu doce amor
 Minha querida, minha flôr.

Depois daquele dia:
 A cabrocha não sabia
 Eu comecei a pensar.
 Maria vai me deixar!
 Não enganar!
 A tarde não a encontrei
 A cabrocha foi-se embora
 Com certeza não me adora.

Não sei porque!

Tive vontade de morrer
 Quando a notícia espalhou
 Que a cabrocha me deixou

Mané João...

O ricoço lá do sertão...
 De todos roubou o amor
 E a ninguém, dando valor.

Ela, foi-se embora!

Ninguém sabe a onde mora
 Foi pra longe e me deixou
 Minha palhoça abandonada,

Triste, eu estou
 Tudo pra mim, acabou.
 Penso na ingratidão
 Nesta mulher, sem educação

Maria Rosa

Maria Rosa

Uma católa formosa
 Era alegre do sertão
 Nas noites de São João
 Olhei pra ela!
 Nunca vi coisa, mais bela
 Na fazenda e dengoso
 Casei com a Maria Rosa.

Nada faltava!

Na casinha que eu morava
 Tudo lá, era alegria.
 Com os encantos de Maria
 Apareceu...
 Um móço lá da cidade.
 O ingrato esqueceu
 A nossa velha amizade.

Desde este dia

Nunca mais tive alegria...
 Tudo pra mim se acabou
 Porque a Maria me deixou.

Eu cantando

Um samba canção.
 Foi católa eu recordava
 Sem ela e triste o meu sertão

Ela voltou:

O meu perdão implorou
 O colosso sabe amar.
 Mas é difícil perdão

Me deixa em paz.

Porque eu não te quero mais
 A cidade é o teu prazer
 É lá que tens de ter viver.

Não passo te amar.
 Tudo entre nós morreu
 Você nunca vai de encontrar
 Um andar sincero igual ao meu

Roguei -lhe Praga!
 Pela sua ingratidão.
 Ela deixou uma chaga
 Dentro do meu coração

Ela voltou!

Disse que sentiu saudade
 e não se habituou,
 com os rumores da cidade
 pediu perdão.

pelo mal que cometeu
 destruiu aquela afeição
 e o nosso amor, morreu

Ela disse: tenho fome.

Quero viver só contigo.

A mulher que engana um boneco
 Merece este castigo!

Deu-me um beijo e me abraçou
 querendo me compreender
 Mas, o mal que praticou
 eu não consigo esquecer.

Dizem que ela está, magrada
 chora. E nada mais lhe consola
 Está sempre entristecida
 Não trabalha. pede esmola.

Quando eu era menina
 Jái tão agor a minha sina
 parque, eu não fui feliz
 A minha mãe internou-me
 Num collegio de juiz.

Passsei anos reclusa
 Nada posso contar da vida
 pais não tinha liberdade,
 Os vizes, me puzo a pensar
 como é triste recordar
 Não tive nem amizade,

Os vizes tinha vontade,
 De cair e trincar na rua.
 só conheci a severidade,
 A disciplina, e a castidade.

Que infância atribulada
 Desce-me amargurada.
 Meus pais, me preteriram...
 e, me destruíram.

E se a morte chegar na porta
 pode entrar, que já estou morta

A Velhice e a mocidade
 Apoiada a um bordão
 Olhar triste e cansado.

Ela faz a retilação
 Do seu infasto passado,
 É uma velha a meditar
 Que grande mágoa lhe invade
 Na expressão do olhar
 Revela, dor e saudade,

Eis que põr perto passaria
 Uma jovem de alma pura
 Vendo que a velha chorava
 Quis saber suas desventuras.
 A jovem folgazã e bela
 Como o despontar d'aurora
 Aproximou-se d'ela
 E perguntou: Porque choras?

Ela citou suas amarguras.
 É a jovem atenta, curiosa,
 Era prosas obscuras
 Que ela desconhecia.

A mocidade disse:
 Comore-me o teu sofrer
 Mas, quando surge a velhice
 Em nada achamos profer,
 Vêja o prado que floresce.
 É a primavera querida!
 Contempla este quadro, esquece
 As decadências da vida.

Não conheces a saudade.
 De nada tens experiência
 Ela nos procura a tarde
 Quase ao findar da existência

Juste os olhos, o mundo aparece.
 Cheio de encanto e grandeza
 Aquêles que já o conhece...
 Em nada encontra beleza.
 Desconheces os desgostos
 De alguém que nos faz sofrer
 Mas com o decorrer dos anos
 Tu háis de compreender
 É a velhice triste seguir
 É a mocidade alegre, sorrir.

O filho

Os pais devem saber que e pecado
deixar o filho abandonado
Ele, cresce desleixado,
Não será um homem honrado
pôr não ser orientado.

Se nos estudos for reprovado
Cria complexos, é revoltado
Há de ser um transviado
E será péssimo empregado,
Se não for místico indelicado
E no exercício, é desclassificado
Será inatento para o casamento
E a esposa só terá, o sofrimento.

A mãe tem a responsabilidade,
De incentivar-lhe boas qualidades
Com exemplo o pai deve dar - lhe
Para o filho, imitar - lhe
Um homem multoate inilente
Não tem classe para ser pai de um
para o filho não ser infeliz ^{ao pai} que ser útil
quando a tua mãe falar
O filho, deve concordar.

O desejo de mãe é que o filho seja carido
porque o filho e sua mãe o seu aperto
Mas ainda com as mãs companhia
porque voce - transvia - se.

Se uma mãe não se praticar
A tua mãe vai rejeitar - se.
O filho deve ser sempre desleixado
para a mãe viver contente
Se praticares um ato prejudicial
para a tua mãe é um golpe mortal
O filho que alistar a honestidade
A mãe vive com tranquilidade,
se o teu caráter é íntegro e puro,
A mãe não teme o teu futuro.
sendo um homem sério na vida
A mãe fica alegre e contentada.
Ela pensa em ti todos os momentos
É o hospede do seu pensamento,
se o filho leva a vida errada
A mãe é triste e amargurada,
se o filho aprende uma profissão
para a mãe, oh! que satisfação.

O teu nome devees saber honrar
para a tua mãe chamar.

Sua mãe é uma jóia sagrada
que deve ser considerada,
se você é um homem direito
deve tratá-lo com respeito.

Quando vê o filho sofrer
e fê-lo insípido o seu viver,
Mãe replanta o advogado
Quando vê o seu filho caluniado,
Quando o filho está doente
Ela reza diariamente.

Transforma-se em enfermeira
velando-o a noite inteira,
para criá-lo, quantos sacrifícios
Não lhe recompense com os ilicítos
porque a luta é esbaústima.

Sua mãe é a tua catirra,

A mãe gosta de fazer
tudo que lhe dá prazer.

O que gosta de trabalhar

A mãe gosta de elogiar-lo.

~~O teu nome devees saber honrar
para a tua mãe não chamar~~
^{ampliar estudo}

Quando o filho está enlaçado
Não dá gosto estar ao seu lado

O que cumpre o seu dever
para a mãe é um prozel.

Os que não violam a lei,

para a mãe é um semi-rei,

porque a mãe lhe têm amizade

quer vê-lo viver, uma eternidade

é a mãe, quer a paz na terra

para o filho não ir no guerra.

A mãe a Deus pede auxílio

para proteger o seu filho

com devoção, e fé

é seys o que Deus quiser!

Vidas

Nem sempre são ditosas
 As vidas das pessoas famosas
 Edgar Allan, pai, morreu na selva.
 Na guilhotina, Maria Antonieta.
 Luiz de Camões, teve que mendigar
 Ganhos de Deus, morreu no mar.
 Casimiro de Alencar, morreu tuberculoso.
 Jamajá gançaga, pouco ferioso.
 Pedro II, morreu exilado
 pensando no Brasil por ele amado.
 Imando Sales de Oliveira
 Foi exilado da terra brasileira
 Getúlio, para impedir uma revolução
 suicida-se com um tiro no coração.
 Para ver o Brasil independente
 Morreu na fôrca, o Tiradentes.
 Santos Dumand, inventor do arião
 Que foi utilizado na revolução
 Arrependeu-se de tê-lo construído
 suicida-se com um tiro no ouvido.
 Luiz XVI, rei inciente
 Morreu trágicamente
 Não tinha capacidade
 para ser majestade

Sócrates foi condenado a morrer
 Cicero lhe obrigaram a beber...
 Que mol tem o Socrates praticado.
 Até hoje ainda não foi compreendido.
 João Batista, reprendia os transviados
 Foi preso e decapitado
 Para não lincoln, abolindo a escravidão
 É assassinado a traição.
 Melhores da lenda, escritor proeminente
 Morreu trágicamente.
 Jacara Dore, vendo a França Oprimida
 Dependendo-a, pagou com a vida.
 Camilo Castelo Branco, foi escritor
 Sicário cego, que esterlar.
 Tudo para ele, acabou-se
 Tristonho, suicidou-se.
 Kennedy, desejou a integração
 Removendo a segregação
 Foi morto a tiros
 Na lida de Dallas.
 Jesus Cristo, não foi julgado.
 Foi chacinado, e crucificado
 Com requinte de perversidade
 Opinar crime da humanidade. MS

Meus filhos

Vão internar os meus filhos
 Meus tesouros prediletos.
 Tiran lá sem os meus cantos
 Sem áculos e sem afetas.

Será que eu vou resistir?
 O dor da separação
 Despertar e não ouvir
 Mamãe, eu quero pão...
 Como é agora o meu viver
 Só Deus, sabe o meu estado
 Não sei como hei de fazer
 De os meus filhos ao meu lado

Meu Deus, vou succumbir
 Quando os meus filhos zanjarem-se
 E saudade vai interferir - se
 Mas hei de resignar - ~~me~~
 Sou uma misera poetisa
 As vezes falta-me o pão
 Por isso fico indeciso
 Sem saber, se os interno, ou não!

Quadros

Meu São Paulo enigmático
 Ora é frio, ora é calor.
 Mesmo assim te quero bem
 Mesmo assim te ~~tenho~~ amo

São Paulo é o coração
 Deste grande e nobre país
 Os que dividam o seu coração
 Em São Paulo ha de ser feliz

Choro: Não sei o que faço.
 Que luto! Que aplicação.
 Tenho um homem nos braços
 E outro no meu coração.

É a verdade o que vos digo;
 É que sirva de lição
 Não confie no teu amigo.
 Guarda a tua promessa

Gosto de olhar a Cruz,
 Ela, é o símbolo da fé
 Onde morreu Jesus.
 O filho de São José

IMS

parsei pelo mundo sofrendo
 Não realizei as minhas vocações
 E pouco a pouco fui perdendo
 O ideal, e todas ilusões.

Das tuas pés chorando vulto
 Implorar o teu perdão.
 Sem ti querida, não tenho
 O bem prozer, nem ilusão.

Sãois bela, igual aurora,
 Que espalha o seu esplendor
 Desde quando foste em terra
 Multiplicae a minha dor

Querido! Você é um santo
 Quero ver ~~te~~ num altar
 Peço-te que não deixes
 Outra mulher te beijar.

Reconheço que te amo!
 É o meu amor, é profundo
 É por isso que eu penso
 Que sou feliz neste mundo.

A vida ensina-me a suportar
 Todas as consequências,
 A não reclamar.
 A ter fé, e paciência.

Querido! Amo-te tanto
 Sempre hei de, ti reter
 Imploro - He que não deixes.
 Outra mulher te acariciar

Ninguém gasta de perder
 As pessoas que adora.
 O meu amor me faz sofrer
 Quando diz; vá-me embora

Dormi uma noite na areia
 Da linda praia do Guarujá
 Despertei as seis e meia.
 Com o gargêio de um sábio

Meu Deus! Quem é que não sente
 Jesus, quem é que não chora.
 Ao ver sofrer neste mundo
 Pessoas que a gente adora.

Es tudo para mim, no mundo!
 Amo-te com intenso ardor
 As tuas beijos são tão doces
 Deixam-me louco de amor

O nosso viver coincide!
 Poderíamos ser amigos.
 Tu vives numa gaiola
 Eu, na prisão, por castigo.

Há uma diferença entre nós
 Tu souz mau, tu es carinhoso
 Você está preso por causa da tua ^{viagem}
 & eu... porque, sou um criminoso

Jesus, tem dó de mim
 Creio que sou tua filha
 Não me deixes viver assim
 Fome, e maltrapilha.

Quando eu morrer, Meu Deus!
 Das tuas brancas me conduz
 porque a glória da terra
 & falso, e não me seduz.

Todas a mim tratam bem
 Mesmo assim, não sou feliz!
 Tenho saudades de alguém
 Que eu amei, & não me quis.

Há quem pensa que eu te amo
 Mas, eu afirmo que não
 Sabe eu sou feita de pedras
 pedra, não têm coração.

Regressaste desiludida.
 Dizendo-me: Não sou feliz!
 Deturpaste a minha vida
 Como eu, ninguém lhe quis.

Quero propor-lhe um negócio
 De sociedade, contigo
 Eu soube que tu tens dinheiro
 porque não te casas comigo?

Eu disse. O meu sonho é eskerter!
 Responde o branco. Ela, é louca!
 O que as negras devem fazer...
 é ir pro tanque, lavar roupas.

Que vontade de chorar!
 Que tristeza interior!
 Não posso me conformar
 Com ausência do meu amor.

Todas a mim, trostan bem.
 Mesmo assim, não estou contente
 Eu queria que alguém
 Voltasse a mim, novamente.

Tenho muita consciência
 Tenho senso, e tenho noção.
 Tenho dentro do meu peito
 Amor, e bom coração.

O sol, ama a lua
 E deu-lhe uma plân!
 Eu quero dar, um beijo
 No homem, que — tenho amor!

O meu amor brigou comigo.
 Vê-se só que ingratidão
 Destroeu o meu retrato
 Naigação, o meu coração.

São no mundo um peregrino
 Não sei o que seja prazer.
 Só que lutar contra o destino
 Se eu nasci para sofrer.

São de caso; não deixo nada
 Nem um pedacinho de pão.
 Deixo minhas roupas molhadas,
 Não as lavo pôr não ter sabão.

Que luta para viver.
 Quantas dificuldades.
 Um pobre quando morrer
 Não pode ler saudades.

A solidão me entristece
 Visto ocultando uma dor.
 Como é triste viver só
 Sem carinho, e sem amor.

Eu disse que te amaria
 Mas, tudo foi trincadeira.
 Nos negócios, eu sou simples
 No amor, sou tropeçeiro.

Em que viver, a meditar?
 É triste e desiludida
 Se eu pudesse modificar
 O curso de minha vida!

Há pessoas que no auge do poder
 Diz: Não tem sempre Pratiquei ^{com}
 somente Cristo é que pode dizer!
 Eu, nunca fiz mal a ninguém!

Virtu aqui abandonada
 Como é triste a solidão.
 O teu desprezo é como espada
 A perfurar-me o coração.

Quem pertela ser amigo de verdade
 É aquele que nos procura na aflicção
 Quando atingidas pelas enfermidades
 Quando estamos sózinhos na prisão.

Quem assim me ver cantando
 Transbordando tanta alegria
 É que eu vivo pensando
 No meu amor, noite e dia

Os poetas que passaram.
 Construíam castelos no ar.
 E quase todos idealizaram
 Somente os sonhos, para sonhar

A morte quando vem
 Não passa telegrama
 Não quem está de pé
 Não quem está na cama.

Quem assim me ver cantando
 Creio que não me insultar
 Lá por dentro estou chorando
 Mas, não tenho tempo para lamentar

Quem assim me ver sorrindo
 Transbordando tanta alegria
 Não sabe o que estou sentindo
 Desconhegem a minha agonia

O pobre não deve revoltar - se
 por ser pobre, deve até dizer:
 Com orgulho, foi entre os pobres
 Que Jesus preferiu nascer.

As vezes tenho saudade
Da minha quadra inocente
Desconheço a diversidade
Que atinge a vida da gente

É pigrino para surgir
Alerta de uma emoção
Das agruras que ven ferir
A alma e o coração.

A tristeza veio visitar
O meu misero coração
E disse que vai ficar
Sem pedir-me permissão.

O quanto viver.
Não deve errar na vida.
Quem erra não pode ter
A coleção erguida.

Eu sempre fui vaidoso
Mas o destino amigo foi cruel
Obrigando-me andar adrova
Pelas ruas, catando papel.

Num país sob desenvolvimento
Onde o povo não vai a escola
Pôr não ser bem esclarecido
O que aprende é pedir esmola

O mundo inteiro.
Pensa em algo qualquer
Há quem pensa no dinheiro
Há quem pensa na mulher.

Agora que estou na maturidade.
Arrependo-me do mal que te fiz.
Fui um estulto na tua vida.
Não deixando-a, ser feliz.

Eu era triste queria morrer!
Mas restituiu-me o sorriso.
É que Deus vendo-me sofrer
Enviou-te, lá do paraíso.

Jesus Cristo ficou famoso
porque as suas ações, eram nobres
Angariou muitos amigos
porque é o líder, dos pobres. MS

O sofrimento de Cristo foi demais
tudo ele suportou, e venceu
Hárijado, disse - He o satanás
Sei... es maior do que eu!

Estão escausta, Esmação.
Deus! Tenho de mim, piedade
peço-te - dá-me o endereço
Da felicidade.

Seguiu um pobre indigente
sua vida infesta era uma cruz
& pediu diariamente
A proteção, de Jesus.

O empregado tem o dever
de bem servir o patrão
porque o serviço bem feito
é uma recomendação

gosto de conversar com os pobres
que não cursaram universidades
eles são simples e sinceros
& não dizem banalidades

Nunca desprezem as pessoas
pôr estarem esparanadas.
Há os que vestem roupas boas
& praticam as coisas erradas.

Velhice é coisa maldita
quando não se têm saúde.
quando o velho necessita
do auxilio da juventude.

quando a fatalidade nos atinge.
temos que enfrentá-la com tenacidade
sem certos tipos que pôr ter dinheiro
querem viver como se fossem nojostade

peço-te, para não chorar
quando me veres morto na mão
pois não soubeste me tratar
com carinho e delicadeza.

O homem tem que lutar
é feio ser vagabundo,
O que não gosta de trabalhar
é péssimo hóspede, do mundo.

Tu, não deves ser um bone pueril
Sem nenhuma utilidade
Tipos que causa ao Brasil
Vergonha e infelicidade.

Não deves negociar
Com o mediocre e trapalhão.
Deves nos separar...
Cada parte, no seu chiqueiro.

Foi tão triste a minha vida.
Sofri chorei, que desventura
O meu sofrimento no vai cozer
Dentro da minha sepultura

O homem deve ter elegância
Não praticar atos pueril
Os atos com ignorância
Empobrecer o nosso Brasil.

Deus não foge omissão
Do seu justo pedido.
peça - lhe com derrogação
& hos de ser, atendido.

Altração Lincoln, Não devesia morrer
De um modo trágico e brutal.
Vieste ao mundo para fazer.
O bem, e não o mal.

Quando eu era menina
Tinha pensar esquisito
Via doces na vitrina
Desejava ser másguito.

Ninguém amou a poesia
Certamente mais do que eu.
Nem mesmo gançalves Dias
Nem Cosmeio de Alencar.

De mim, não sentes saudades?
Não. É porque não me tens amado
Percebi que a nossa amizade,
É hoste, que não dá plân

Não mais tenho alegria
O que deveso fazer agora
Aquêl que eu mais queria
Sem instridas, pai - se embára. IMS

A tua ausência me escraviza
 Eu sôfo constantemente.
 Tua presença é que lenisa
 Está torturo pungente.

Descebrá a minha enfermidade
 É tão grave está doença
 Ela chama-se saudade
 E surgiu com a tua ausência.

Minha existência é sombria
 Vivo tão só neste mundo.
 Minha amiga é a poesia
 Que não me deixa um segundo.

Causa que eu não tenho inveja
 É da mulher que é casada,
 Quando ela pede comida
 O marido quer dar pancada.

Como sopress - os forrelados
 Da panela do vaqueiro,
 Virém todos misterados
 Como os porcos no chiqueiro.

Dizem que amar é pecado
 Eu, ao amar, não me rendo!
 Eu vejo os que tem amores
 Virtem brigando, e sofrendo.

Dessejo ter uma casa com jardim
 Feita só, para nós dois
 Se, você não gostar de mim,
 O amor, virá depois.

Eu te amo, eu te venero
 O meu afeto, é profundo
 Você, é uma das coisas que quero;
 — Neste, mundo.

Minha renda é tão precária
 Que as vezes possa cairação
 Com a fama de milionária
 E sem tostão.

Quem me dera, então queer!
 Era um ponto final na atribulação.
 Como é agora o meu viver,
 Ganho unidade e gasto um milhão.

Um caipira!

Que, visitando a cidade de São Paulo, não podendo andar livremente pelas ruas, disse:

— Eu não gosto de São Paulo!
 É um dizer quão as ruas.
 É que o raio destes chauffeurs
 Não são fumes nas direções:
 Outro dia quase que fiquei
 Pão debaixo de um caminhão
 Eles andam pelas ruas
 parecendo um furacão.
 Eu não posso levar susto,
 Que eu sou do coração.
 Sem carro que anda no ar.
 Não passa a roda no chão.
 Os chauffeurs quer apostar,
 Corrida com o artilhão.
 Eu aqui nesta cidade
 Não tenho tranquilidade
 Como mais do que um veadinho
 Tenho que tomar cuidado,
 Pra não ser atropelado.

Decepção.

Do sair da família, cantei!
 Sentindo um prazer interno.
 — Mas foi depois que eu notei
 Não era o céu. Era o inferno.

Não quero que ninguém passe
 Neste mundo, o que eu passei.
 Que não entre neste falso,
 Paraíso, onde eu entrei.

Eu andava toda trapuda
 Como um judeu.
 Pelas ruas da cidade.
 Eu estava nas entranhas
 procurando
 a dona felicidade.

Ela é muito poderosa.
 É orgulhosa
 Sem fôbre dos homens pobres
 Gosta de brincar
 E auxiliar...
 — Os nobres.

Como passa os seus dias?
 Neste recanto solitário,
 Tenho inumeras alegrias
 Com, o meu esposo imaginario.

Deus, disse paz na terra
 do homem de boa vontade.
 Mas mandou fazer a guerra
 — Que, dizimo a humanidade

Que luta! Que estertor!
 Que em vida, o homem sente
 Quem mais sofre e o escritor
 Quando morre, interiormente.

Estrei no rio deste porto:
 E fiquei tão desiludida
 A unica coisa que elles fizeram
 — Foi: complicar a minha vida

Em vida o homem e' escritor
 e' doutor,
 e' senador
 e' governador
 — e' magestade.
 E' assim, ele se descreve
 Mas na campa predomina;
 — e' igualdade.

E o orgulho entao, finaliza.
 O homem nao mais precisa
 De bragaço.
 Vai para a campa silenciosa
 E tenebrosa
 Dentro de um caixão
 E na campa elle estara só
 Na campa elle e' apenas, pó.

Anelido

É tão triste a minha vida...
 Não conheci mãe nem pai.
 Sou como a folha despreendida
 Que ao sopro do vento vai.
 Nunca amei. Não tenho amante
 Não sei o que seja afeição
 Sou uma andarilha errante
 Que anda vagando em vão

Porque ^{me} despesos... assim?

Eu nunca fui preferida
 Quando alguém gostar de mim
 Terei então prazer na vida.
 O meu coração está ansioso
 Para dar abrigo a alguém
 Amoroso, belo, e carinhoso,
 E que me queira muito bem.

Não há de máquar-me em nada
 E que não cause a minha paciência.
 Então serei uma felizanda
 Hei de gostar da minha existência.

Parque Choro.

poeta, Parque Choro?
 É uma dor e uma saudade
 Meus tempos de outrora
 - e minha felicidade

É uma saudade que mata
 Saudade do meu amor
 Saudade de uma ingrata
 Que não sabe dar-me valor

Saudade de uma mulher
 E quem dei o meu coração.
 Foi. Se embudo nem sequer
 Disse-me qual a razão.

Virei tristinho, vagando
 Não tenho destino a seguir
 Sabe o que estão esperando?
 E minha amada surgir

Os que amam com sinceridade
 Choro. Se o amor está ausente
 Para honrar a felicidade.
 O amor deve estar presente

Imo ao amar

Todas vidas têm um drama
 Só a infância têm comédia
 Quando a gente cresce e ama
 É que conhece a tragédia.

Quando no amar é correspondido
 Duplica-se a nossa ilusão
 Quando se é preterido
 Que mágoa no coração.

Quando o homem nos tem amor
 Amulhe acha tendo o seu virer
 Se lhe pretere, que estertor!
 Blasfema, choro e quer morrer.

Quando o homem nos acaricia
 Como é sublime o mundo!
 Quando fere com ironia
 Oh! que desgosto profundo.

O nectar que se chama amor
 Está no centro do coração
 Tem a fragância da flor
 Produz alegria e ilusão.

Vendo-te fiquei extasiado
 Pensei que eras uma santa
 Depois de haver-lhe contemplado
 Para mim, ninguém te suplanta
 Cantigo quero construir um lar
 Com o alizee da felicidade.
 Com os meus deveres não hei de faltar
 Exijo só - a fidelidade.

Kennedy.

Quando penso no Kennedy, cántado!
Choro e sinto saudade.

Era um homem super-ajustado

Era o orgulho da humanidade.

Kennedy foi o orgulho do mundo

Não deu mau o sangue do seu semelhante

Foi um homem de saber reto e profundo

Não mais terá outro que lhe suplante.

Kennedy, não mais terá sucessor
Que lhe suplante nas qualidades.

Revelou-se. Homem de valor
Nos proporcionando tranqüilidades

Kennedy, dedicou-se ao mundo

Reprovou o preconceito

com o seu conhecimento profundo

Deveria ser reeleito.

As portas incultas o cêlfaram

Do seio da humanidade

são os médiocres que não notaram

suas belas qualidades.

Que no céu esteja em paz.
párque na terra fosse um senhor.

Que folta imensa nos fog.

Nas negrós nós, era o protetor

Kennedy, grande estadista

Mas seu para governar.

Era bom. Não foi egoísta

Distribuiu só, o bem-estar.

Quem mata o seu semelhante
Revela a sua índole de maldade
Atos ferozes que é o cam-protante
Da ignorância e da Periculosidade.

Kennedy, era imparcial

sem matar foi assassinado

Era bem justo, e tal

Ha de ser sempre venerado

Kennedy, não foi glorificado

Não cêlfam vidas!

Aqui deixo meu ódio eterno.

Quem mata o Kennedy, que vá...

Para o inferno.

IMS

O Expedicionário

Esta pátria me pertence
 É a mim ninguém consegue
 Pôr ela lei de morrer!
 Não sou revolucionário
 Apenas um expedicionário
 Que o Brasil vou defender.

Esta pátria tem valor
 Lei de ser o seu deplorar
 Mesmo perdendo a minha vida.
 Mas enquanto eu respirar
 Ninguém há de violar
 Meu Brasil, Pátria querida.

Nas guerras os homens embutezem
 É quantas vidas fenezem
 Que atos negros e brutais
 Os que fazem as guerras não são os pobres
 São os poderosos e nobres
 De culturas intelectuais.

As guerras atropiam as Nações
 Prejudicam as populações
 Cenas hediondas e atyéticas
 Quem faz guerra não tem valor
 São néscios destruidores
 Quantos molles nós acanetam.

Se brigam reis e governadores
 Para provarem os seus valores
 Decretam guerras mutuamentees.
 Mas, são os filhos das operárias
 Que marcham para o colchão
 E morrem tragicamentees.

Quem faz guerra? É o intecil
 Seja no China, ou no Brasil
 Não merece o nosso laudar
 Aquelle que sabe governar
 Faz ao seu povo deite dar.
 Não querendo o extertor.

guerra. Não é bravura nem coragem
 É um drama selvagem...

Prisão de amor

Era linda como alvarado
 A alma despreocupada
 Como as aves na amplitude,
 Perdera a vida a cantar
 Nunca pensou em amar
 O amor, é uma prisão.

Cantava ao romper do dia
 A todos meliga sorria
 puro, era o seu coração,
 Perdera a vida a cantar
 Nunca pensou em amar
 O amor, é uma prisão.

O sorriso que lançava
 Era lindo, e cativava.
 Era uma sedução,
 Perdera a vida a cantar
 Nunca pensou em amar
 O amor, é uma prisão.

Ela que a todos sorria
 Eis que chegou um dia
 Ouviu uma declaração,
 As frases puras e belas
 Dominou a linda donzela
 E habitou-se, no seu coração.

Ela deixou de cantar
 Para não o magoar
 Não sorria a mais ninguém
 Ela diz diariamente
 Vivo feliz, e contente.
 Ele é belo. E me quer bem.

Eis que chegou a vez.
 A mente ingrata lhe fez
 Uma triste inquietidão
 Roubar-lhe o seu amor.
 Ela, virou a chorar de dar
 Com os olhos fitos no chão.

primeiro amor.

Eu era triste e desolada.
 O meu coração desolado
 Eu não tinha alegria,
 Os meus longos sonhos de outrora
 Realizaram-se numa hora.
 Tudo em mim, rejuvenescia.

Encontrei na minha estrada
 Uma mulher, uma fada.
 Tinha aspecto de inocência,
 & desde aquêl momento
 Ela, dominou o meu pensamento
 & fez parte da minha existência.

Está mulher querida
 A quem dei a minha vida
 Dissipou a minha ilusão.
 Eu supunha ser bem feliz
 & os sacrifícios que eu fiz
 Praguem-me com inquietidão.

Era paqueira e bela
 Entinou-me a gostar dela
 Jurou manter-se só para mim,
 Para ver o meu sofrimento
 Obriदार, o juramento.
 - Porque a mulher é assim?

Sinto no meu coração
 Et d'ân da recordação,
 Oh! que existência oprimida,
 Se algum dia ela voltar
 & o meu perdão implorar
 Já está, a obriदार.

Na solidão do meu quarto
 Eu contemplo o seu retrato
 & é bela. Igual uma flor.
 & ele está autografado.
 Dedico ao meu bem amado:
 Ao meu primeiro, amor.

Pressentimento

Quero pensar que este afeto existe
 Não vês que sopra quando estás ausente
 A minha vida inteira, consiste
 Em ti amar, para eu viver contente.

As vezes penso: sou feliz, tenho sorte!
 Sinto no peito imensa alegria
 Quando eu recardo que existe a morte
 Que esta intrusa, nos separou um dia.

Uma tristeza invade-me de repente
 E o coração amâr, qual será o fim?
 Se a morte amor talvez ela sinto
 Este regêio que se passa em mim.

Um Brasil para os brasileiros

Contos e poesias

Carolina Maria de Jesus . .



20 hs. "MELVIN JONES" 03/06

BAILE DA CO.FO.

Rua dos Inocentes, 185
é encostado ao Colégio

IMS